

Unidade II

5 ESTILOS E GÊNEROS DISCURSIVOS

Saiba mais

O termo **gênero** é empregado em mais de uma área de estudo.

Por exemplo:

- gramática: significa a variação das palavras na língua portuguesa para masculino, feminino, neutro.
- linguística: significa diversidade de texto usado na sociedade (poema, bula, MSN, conversação etc.).
- história: significa, entre outros, os estudos sobre a mulher na sociedade (desigualdade, luta etc.).

Já tratamos dos tipos de texto. Cada tipo pode estruturar vários gêneros textuais. Observe o quadro.

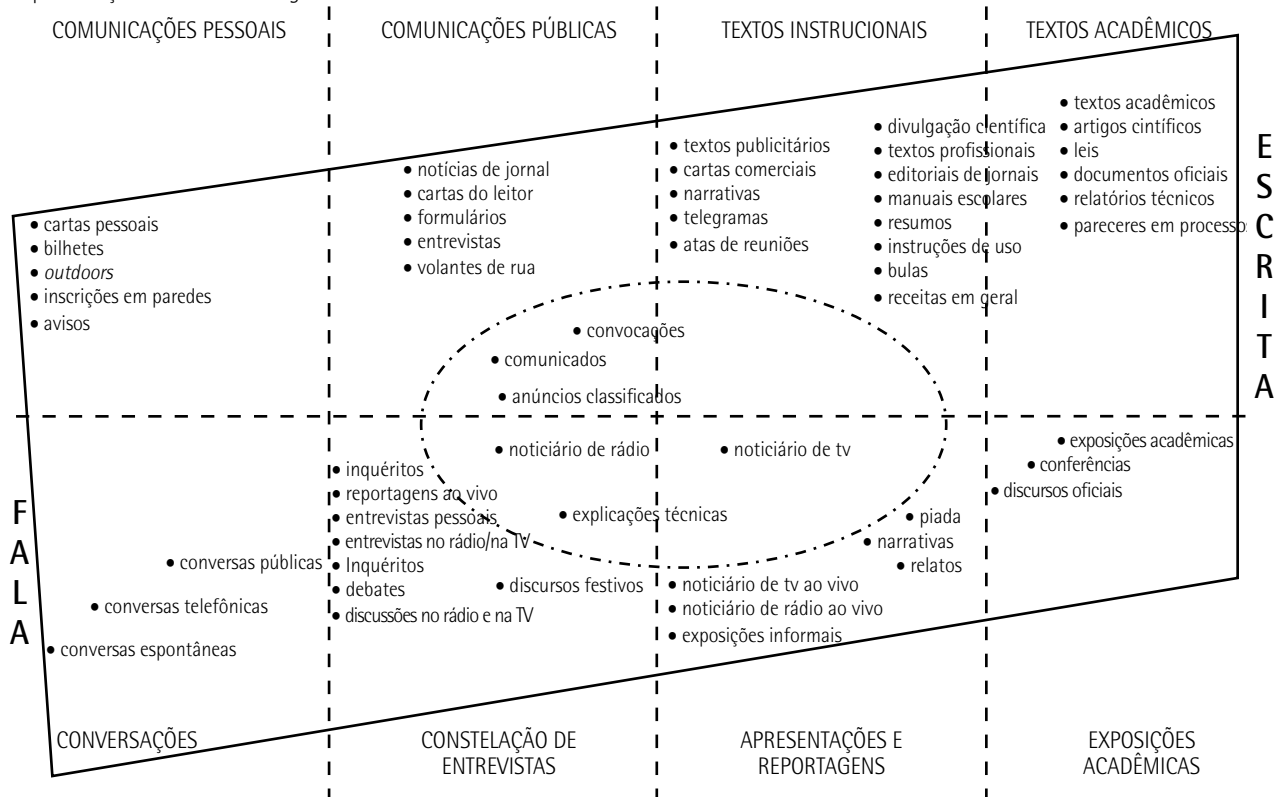
Tipos	Gêneros
Narração	Romance, conto, crônica, epopeia etc.
Descrição	Romance, conto, bula, conversação etc.
Opinativo	Carta do leitor, crônica, editorial, conversação etc.
Expositivo	Bula, enciclopédia, dicionário etc.
Argumentativo	Dissertação, tese, artigo científico etc.

Texto é tipo e gênero. Comparo tipo e gênero com construção. Toda construção tem uma base: chão, teto, paredes etc. Essa base pode sustentar casa, prédio, hospital, lanchonete, cinema etc. Assim é o texto: ele tem uma base, uma estrutura de sustentação, que é o **tipo**, e tem variedade, que é o **gênero**.

Os gêneros textuais podem ser orais ou escritos, podem ser formais ou informais e são tão numerosos que os estudiosos nem tentam contá-los. Veja o esquema feito por Marcuschi (2001) para aproximar gêneros orais de gêneros escritos pelo grau de (in)formalidade.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita



Observe que nas comunicações pessoais os gêneros escritos como cartas pessoais, bilhetes, outdoor, inscrição na parede, avisos estão na mesma coluna que os gêneros orais: conversas públicas, conversa telefônica, conversa espontânea. Essa aproximação mostra que são gêneros usados em situações sociais mais informais.

Na outra extremidade do esquema, nos textos acadêmicos, encontram-se os gêneros: artigos científicos, leis, documentos oficiais, relatórios, pareceres em processo na mesma coluna dos gêneros orais: exposição acadêmica, conferência, discursos oficiais. A aproximação se deve ao fato de esses gêneros serem usados em situação social muito formal.

Deparamo-nos com diferentes gêneros durante as mais diversas situações comunicativas das quais participamos socialmente: anúncios, relatórios, notícias, palestras, piadas, receitas etc. Veja, por exemplo, o que podemos fazer quando queremos:

- escolher um filme para assistir no cinema.

Podemos consultar a seção cultural de um dos jornais da cidade ou uma revista especializada, ler num *outdoor* sobre o lançamento do filme que nos agrada ou, ainda, pedir a opinião de um amigo.

- saber como chegar a um local desconhecido por nós.

Podemos consultar um guia de ruas da cidade ou, ainda, perguntar a alguém que conheça o trajeto. Quem sabe até pedir que essa pessoa desenhe o caminho.

- convidar um amigo para nossa festa de aniversário.

Podemos mandar um *e-mail*, um convite pelo correio, telefonar-lhe, enviar um "torpedo" pelo celular.

- entreter uma criança.

Aqui as possibilidades são várias! Podemos ler histórias de fadas, lançar adivinhas, lembrar antigas canções, recitar quadrinhas e parlendas, propor jogos diversos, assistir a um desenho etc.

Em todas as situações descritas acima, utilizamos textos em diferentes gêneros, isto é, para situações e/ou finalidades diversas; lançamos mão de um repertório diverso de gêneros textuais que circulam socialmente e se adaptam às diferentes situações de comunicação. Cada um desses gêneros exige, para sua compreensão ou produção, diferentes conhecimentos e capacidades.

De modo geral, todos os gêneros textuais têm em comum, basicamente, três características:

- o assunto: o que pode ser dito através daquele gênero.
- o estilo: as palavras, as expressões, as frases selecionadas e o modo de organizá-las.
- o formato: a estrutura em que cada agrupamento textual é apresentado.

Os gêneros surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. O conjunto dos gêneros é potencialmente infinito e mutável, materializado tanto na oralidade quanto na escrita. Os gêneros são vinculados à vida cultural e social e contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas no dia a dia. Assim, são exemplos de gêneros textuais: telefonema, carta, romance, bilhete, reportagem, lista de compras, piadas, receita culinária, contos de fadas etc.

Para Bronckart (1999), "a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas".

Aspectos tipológicos e gêneros

Domínios sociais de comunicação	Capacidades de linguagem dominantes	Exemplos de gêneros orais e escritos
Cultura literária ficcional	Narrar Ação através da criação da intriga	fábula lenda ficção científica romance policial romance de aventura adivinha conto
Documentação e memorização das ações humanas orais	Relatar Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	relato de experiência relato de viagem testemunho caso notícia crônica social, esportiva biografia currículo
Instruções e prescrições orais	Injunção	instruções de montagem receita regulamento regras de jogo instruções de uso

- - - - - EXERCÍCIOS - - - - -

1. Os textos, sejam orais ou escritos, podem ser aproximados por causa do grau de (in)formalidade, como em uma das alternativas abaixo:

- a) bilhete (escrita) – relato (fala)
- b) artigo científico (escrita) – discussão na TV (fala)
- c) formulário (escrita) – conferência (fala)
- d) bula (escrita) – noticiário (fala)
- e) MSN (escrita) – conversa telefônica (fala)

2. Quanto à estrutura, identifique em qual das alternativas o texto segue o modelo injuntivo e o gênero receita.

a) **Receita de Ano-Novo**

Para você ganhar belíssimo Ano-Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano-Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo até no coração das coisas menos percebidas²⁸

b) Neste material, procuramos mostrar de que forma os novos conhecimentos linguísticos, principalmente os incluídos no campo da linguística textual, podem contribuir para o aprimoramento de uma das mais importantes formas de operações didáticas no ensino da língua portuguesa, a compreensão e a interpretação de texto.

c) Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

d) Cozinhe o frango em água com sal e 2 folhas de louro até ficar bem macio. Separe o frango, desfie e guarde o caldo. Faça um refogado com alho, cebola e tomates picados e nele coloque o frango desfiado, as ervilhas, o milho e as azeitonas picadas (guarde um pouco para a decoração), adicionando um pouco do caldo de frango que foi guardado.

²⁸ Trecho do poema *Receita de Ano-Novo*, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

e) Apesar de não ter mais os movimentos da perna, o ex-fuzileiro naval Jake Sully ainda sente que pode ser um guerreiro. Sua intuição começa a se tornar realidade quando ele viaja a anos-luz até a estação espacial montada no Planeta Pandora. Lá, os humanos tentam explorar o minério unobtainium, que pode salvar a Terra de um colapso de energia. Habitado por grandes seres azuis, os Na'vi, o local tem uma atmosfera fatal para qualquer terrestre. Por isso, oficiais criaram o programa Avatar, em que um corpo biológico, híbrido de humano e Na'vi, pode ser comandado a distância.

Resolução dos exercícios:

1. A alternativa correta é a e): MSN e conversação telefônica se aproximam pelo grau de informalidade. Nas outras alternativas os textos não se aproximam porque um é muito formal e outro mais informal.

2. A alternativa correta é a d). A estrutura de um texto segue uma estrutura global, que pode ser narrativa, injuntiva, expositiva etc., e essa estrutura forma um gênero, como poema, novela, conversação e outros. Nesta questão, pede-se para identificar um texto que seja, ao mesmo tempo, injuntivo e receita, que é o caso do texto da alternativa d).

5.1 Gêneros textuais virtuais

Gêneros virtuais é o nome dado às novas modalidades de gêneros textuais surgidas com o advento da internet, dentro do hipertexto. Eles possibilitam, entre outras coisas, a comunicação entre duas ou mais pessoas mediadas pelo computador. Conhecida como Comunicação Mediada por Computador (CMC), essa forma de intercâmbio caracteriza-se, basicamente, pela centralidade da escrita e pela multiplicidade de semioses²⁹: imagens, sons, texto escrito (cf. Marcuschi, 2004).

Os principais gêneros virtuais estão descritos a seguir:

- **e-mails** – bilhetes, mensagens ou cartas virtuais que, dependendo do receptor, podem ser formais ou informais. A resposta pode ser quase instantânea, independentemente da distância geográfica dos interlocutores.
- **salas de bate-papo ou chats** – nos *chats* o diálogo é simultâneo entre duas ou mais pessoas que, geralmente, criam um apelido (*nick name*). Centrado basicamente na escrita, a linguagem nesse meio possui característica ímpar pela presença de abreviações, escrita fonética, homofonia, taquígrafa e sinais gráficos que expressam emoções. Exemplifico no quadro a seguir:

²⁹Uma definição de semiose seria que é qualquer ação ou influência para sentido comunicante pelo estabelecimento de relações entre signos que podem ser interpretados por qualquer audiência.

Homofonia		Sinais gráficos (emotions)	
100graça	Sem graça	:)	Feliz
100\$\$	Sem dinheiro	:(Triste
V6	Vocês	:~)	Muito feliz
100sual	Sensual	d;-)	Usando boné
4ever	<i>Forever</i>	*~)	Drogado
D+	Demais	:-[#]	Aparelho
4 you	<i>For you</i>	:-e	Desapontado
+/-	Mais ou menos	x~)	Tímido
=vc	Igual a você	:-o	Impressionado

*Abreviações		Escrita fonética	
Blz	Beleza	Ksa	Casa
Bjs	Beijos	Kbelo	Cabelo
Fmz	Firmeza	Tc	Teclar
MIz	Moleza	Kbeça	Cabeça
Fds	Fim de semana	Ksado	Casado
Sdd	Saudade	Kreta	Careta
Ctz	Certeza	d	de

*Abreviações em que prevalecem somente as consoantes, desfigurando a palavra.

- **Listas de discussão** – pessoas com os mesmos interesses formam grupos que interagem através de *e-mails*. Cada grupo é gerenciado por um moderador que aprova ou não a entrada de novos membros, remove (*deleta*) outros que não estão seguindo as normas do grupo.
- **weblogs (blogs)** – *blog* é um diário virtual público, onde as pessoas escrevem sobre si, expõem suas ideias, que pode ser atualizado com frequência. Pode ser privado ou visitado e postado por amigos ou por qualquer navegador da rede.
- **webquest** – é um modelo extremamente simples e rico para dimensionar usos educacionais da *web*, com fundamento em aprendizagem cooperativa e processos investigativos na construção do saber. Foi proposto por Bernie Dodge em 1995 e hoje já conta com mais de dez mil páginas na *web*, com propostas de educadores de diversas partes do mundo (EUA, Canadá, Islândia, Austrália, Portugal, Brasil, Holanda, entre outros). Para desenvolver uma *webquest* é necessário criar um *site* que pode ser construído com um editor de html, com um serviço de *blog* ou até mesmo com um editor de texto que possa ser salvo como página da *web*.

Uma *webquest* tem a seguinte estrutura:

- introdução
- tarefa
- processo
- recursos
- avaliação
- conclusão

Os *e-mails*, os *chats*, os meios de comunicação instantânea, listas de discussão e *weblogs* (diários) são os mais utilizados. As aulas *chat* e por *e-mail* no ensino a distância estão se popularizando. A comunicação se dá pela linguagem escrita em todos esses gêneros. Ela é uma linguagem informal e simultânea em sua produção, em sincronia com seu interlocutor pela necessidade da reação em tempo real.

- EXERCÍCIOS -

Leia a tirinha abaixo do personagem recruta Zero:



1. A linguagem empregada na tirinha é verbal e não verbal. Justifique a afirmação.

2. A compreensão da tirinha deve-se ao conhecimento prévio do leitor sobre a linguagem utilizada em *chats*. Explique.

Resolução dos exercícios:

1. A tirinha tem a linguagem verbal, constituída da fala do personagem, e a linguagem não verbal, composta pelas imagens figurativas do personagem, pela expressão fisionômica e pela onomatopéia "boom".

2. A tirinha usa um dos recursos gráficos do *chat* – o *emotion* – para a construção de sentido. Cada *emotion* (carinha) representa uma emoção. Por se tratar do mundo bélico, a carinha feliz do 1º quadrinho não é condizente com o tiro de canhão que foi disparado pelo recruta Zero; mais "adequada" é a carinha de raiva, de braveza, vista no 3º quadrinho.

6 SUPORTE DE GÊNEROS TEXTUAIS

Já ouviu falar em suporte? No significado do dia a dia, suporte é algo que dá sustentação, apoio, base para alguma coisa. Vejo, na minha cozinha, um suporte para o micro-ondas; converso com minha irmã e tenho nela um suporte para enfrentar uma determinada situação. Fora esses usos cotidianos, a palavra suporte, conforme a área (economia, matemática, heráldica etc.), carrega significados bem específicos.

Como não poderia deixar de ser, também na área de estudo de texto a palavra suporte tem seu significado específico. Quando lemos ou escrevemos, recorremos a um suporte de gênero textual. Tente identificar qual é o suporte do texto na seguinte situação:

"Oi, Paulo, sou a Ana Lúcia. Me ligue o mais rápido possível, por favor."

O texto pode ser um recado gravado e o suporte, no caso, pode ser uma secretária eletrônica ou você pode considerar que o texto seja uma mensagem enviada pelo celular e que este seja o suporte.

Da lista abaixo, qual você assinalaria como sendo suporte de gênero textual?

- Jornal
- Revista
- Gibi
- Computador
- Telefone
- Caderno

Se você assinalou todas as opções como suporte, está corretíssimo.

"Suporte de um gênero textual", então, como bem define Marcuschi (2008, p. 174-175), "é uma superfície física, em formato específico, que suporta, fixa e mostra um texto. Essa ideia comporta três aspectos:

- a) Suporte é um lugar (físico ou virtual).
- b) Suporte tem formato específico.
- c) Suporte serve para fixar e mostrar o texto."

Ao ser definido como lugar físico (ou virtual), o suporte deve ser real, ou seja, ter materialidade, que se torna, no caso, incontornável e imprescindível. Sobre o formato específico, o suporte pode ser uma revista, um livro, um jornal, um *outdoor* e assim por diante. Quanto ao terceiro aspecto, a função básica do suporte é fixar o texto e torná-lo acessível.

Considerar o suporte, quando lemos ou escrevemos, é ter consciência de que ele "não é neutro" e de que o gênero textual "não fica indiferente" ao suporte. Vejamos a situação dada: "Oi, Paulo, sou a Ana Lúcia. Me ligue o mais rápido possível, por favor." Se o texto estiver escrito em papel e sobre uma mesa, o suporte é a folha de papel e o gênero textual é bilhete; se for passado pela secretária eletrônica, o gênero é recado; se o texto for remetido via correio, o gênero é telegrama. O conteúdo não muda, mas o gênero textual é classificado conforme sua relação com o suporte.

O suporte interfere também na posição física do leitor e do produtor do texto. O leitor lê gêneros textuais e não o suporte material; o produtor escreve gêneros e não suportes; na verdade, a pessoa produz e lê gêneros textuais nos mais diversos suportes. Dependendo do suporte, a pessoa: senta-se, fica em pé, fica deitada; segura o suporte com uma mão, com ambas as mãos, não segura; move os olhos, move a boca, move a mão; inclina a cabeça etc.

- - - - - EXERCÍCIOS - - - - -

1. Observe e anote a posição física dos leitores em relação aos seguintes suportes: a) livro; b) jornal; c) celular.
2. Quando o corpo é suporte. O que lemos quando vemos:
 - a) O antebraço marcado com a frase "Sexo, drogas e rock and roll"?
 - b) O dedo polegar marcado de tinta azul ou preta?
 - c) O antebraço marcado a ferro no Brasil de 1836?
3. Existe maior grau de formalidade (F) ou informalidade (I) ao escrever nos seguintes suportes?
() celular () computador →MSN () caderno de curso

Resolução dos exercícios:

1. O comportamento do leitor muda de acordo com o suporte. No caso do livro, por exemplo, a pessoa pode ler sentada, segurando o suporte com uma mão ou com ambas, afastar ou aproximar mais o livro do rosto. Diferente do livro, o jornal dificulta, por exemplo, a leitura da pessoa que esteja deitada. O celular, com suas inovações tecnológicas, muda o comportamento das pessoas, por exemplo: o usuário pode segurar o celular apenas com uma mão, guardá-lo na bolsa ou no bolso e ouvir o texto através de fone. Dizemos que são variáveis as relações entre o corpo da pessoa e o suporte.

2. Nós podemos entender que: a) a pessoa tatuada viveu na década de ouro do rock ou que a admira; b) a pessoa tirou suas digitais, por exemplo; c) a pessoa era escrava.

3. Um texto será mais ou menos formal, dependendo das circunstâncias: o assunto (trivial, como o trabalho); a pessoa que receberá o texto; o grau de proximidade entre quem escreve e quem lê; e também o suporte. Se considerarmos o nosso cotidiano, o celular e o computador (para MSN) são mais informais do que o caderno de curso (pelo conteúdo).

Marcuschi (2008) distingue duas categorias de suporte textual. O autor identifica a categoria dos suportes convencionais, típicos, criados apenas para ser suporte. Um exemplo dessa categoria é o suporte livro. Outra categoria é a de suporte incidental, que pode fixar texto, mas não é destinado a esse fim. O corpo é um exemplo de suporte incidental.

6.1 Suporte convencional

São vários os suportes desse tipo: livro, livro didático, jornal, revista, revista científica, rádio, televisão, telefone, quadro de aviso, *outdoor*, encarte, *folder*, luminosos, faixas. A seguir, destaco seis:

- Livro

Quantas vezes já declaramos "Eu vou ler o livro", "Eu já li aquele livro". O livro, no entanto, não é um gênero textual, mas um suporte, com formato específico, pois apresenta capa, páginas, encadernação etc. O livro comporta diversos gêneros textuais, como romance, poema, tese de doutorado etc.

- Livro didático (LD)

O livro didático é usado em contexto de ensino-aprendizagem. Ele é um suporte que incorpora vários gêneros textuais. Em um livro didático de história, por exemplo, podemos encontrar charge, letra de música, entre outros gêneros textuais, além da divulgação científica. Em LD de matemática, os gêneros textuais encontrados são divulgação científica, tabela, gráficos etc. Em LD de português, os gêneros são bem variados, abrangendo de textos ficcionais (poema, conto, HQ etc.) até não ficcionais, como tabela, mapa, artigo de opinião. Enfim, os gêneros textuais típicos no LD são exercícios escolares, redação, instruções, entre outros.

- Jornal

O jornal é suporte de muitos gêneros textuais: cartas do leitor e editorial; notícia, reportagem, entrevista; charge, horóscopo, tirinha; sinopse, cruzadinha. Sua veiculação é cotidiana e atinge milhares de leitores no país.

O jornal lembra, em certo sentido, o dicionário ou a lista telefônica. Isso porque o leitor geralmente busca as mesmas seções de interesse – política, entretenimento etc. – deixando de lado o restante, o que significa não ler todos os textos do jornal.

- Revista

A revista é um suporte de gênero textual que aborda tema específico. Se a revista é, suponhamos, de moda, os gêneros seguirão essa temática. Os gêneros que circulam nesse tipo de revista são desde textos que giram sobre o assunto, como notícia, reportagem, editorial, até os mais dispersos, como horóscopo, tirinha, sinopse de filme.

- Revista científica

É suporte de gêneros bastante específicos e ligados a um domínio discursivo: científico, acadêmico, instrucional. Os gêneros encontrados são: artigos, resenhas, resumos, comunicações, debates, programação de congresso, programas de curso e outros dessa natureza.

- Rádio

A relevância do suporte rádio no Brasil se deve a sua história no país. Nação de porte continental, de lonjuras e distâncias que nem sempre são alcançadas pelos meios de transmissão de mídias atuais e onde muitos brasileiros não têm televisão em seus lares pelo fator custo, mas onde a quase totalidade possui rádio. Os gêneros que se manifestam são essencialmente orais: conversação, notícia, anúncio publicitário, letra de música etc.

6.2 Suporte incidental

Os suportes denominados incidentais são meios casuais de fixação de um texto. Boa parte dos textos em circulação pelos ambientes urbanos se acha nesses suportes, como embalagem, para-choque, roupa, corpo, parede, muro, paradas de ônibus, estação de metrô, calçadas, fachadas, meio de transporte.

- Para-choque

Os veículos – carro de passeio, caminhão, entre outros – tornam-se suportes para gêneros textuais, como ditados populares e provérbios. Na verdade, não é apenas o para-choque, mas também as janelas.

- Embalagem

A embalagem pode trazer gênero textual como: rótulo, receita (culinária), breve bula.

- Muro

Os muros servem de suporte para gêneros textuais como propaganda política, anúncios, pichações. São textos pouco desenvolvidos, mas de grande eficácia comunicativa.

----- EXERCÍCIO -----

1. O Banco do Brasil, por exemplo, distribui para seus clientes um folheto sobre aplicação para a família toda. Levando em conta a situação comunicativa e o contexto social, podemos considerar que:

- a) O folheto distribuído possui um leitor específico, ou seja, não é para qualquer pessoa que adentre o banco.
- b) O folheto serve para qualquer leitor que se interesse pela temática.
- c) O folheto é um suporte distribuído, sem relação direta com a instituição que o produziu.
- d) O folheto é público, logo, todos os clientes e não clientes o recebem.
- e) O folheto é dissociado do leitor-cliente.

Resolução do exercício:

A alternativa correta é a a). O banco criou e distribuiu folheto para, primeiro, anunciar um tipo de serviço, segundo, para um público específico, considerado pelo banco o cliente potencial para tal serviço. Assim, o folheto não se destina a qualquer leitor-público, incluindo muitos clientes do banco (uma vez que nem todos os clientes têm condição de adquirir tal serviço).

7 QUALIDADES DO TEXTO

7.1 Fatores externos do texto

A coerência de um texto é construída pela interação de fatores, entre eles, o que está escrito no texto – ou seja, a língua manifestada –, e os conhecimentos do leitor.

Um texto pode ser muito bem escrito, com emprego de termos técnicos, específicos, instruindo sobre como fazer um cisalhamento. Se o leitor não é da área de encadernação, não conseguirá entender o texto. Ele não terá coerência por causa da falta de conhecimento prévio do leitor.

O contrário também ocorre. O texto está bem escrito, sem contradições, com muitas informações úteis, mas essas informações já não têm a maior novidade para o leitor. Nesse caso, o texto não causará interesse ao leitor, que, na verdade, considerará sua leitura perda de tempo.

Existem, então, fatores fora do texto que interferem tanto na sua produção quanto na leitura. Esses fatores são: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade³⁰.

7.1.1 Intencionalidade

A intencionalidade é um fator externo ao texto e se relaciona ao produtor do texto. O produtor preocupa-se em construir um texto coerente, coeso e capaz de atender aos objetivos do leitor.

A meta do autor pode ser informar, impressionar, alarmar, convencer, persuadir, defender etc. É ela que orienta a produção do texto.

7.1.2 Aceitabilidade

A aceitabilidade diz respeito ao leitor, que, durante a leitura do texto, tenta recuperar a coerência textual, atribuindo-lhe sentido. O leitor recebe o texto como aceitável, tendo-o como coerente e coeso, passível de interpretação.

Para produzir e interpretar um texto de modo satisfatório, além do princípio de cooperação entre autor e leitor, deve haver três competências fundamentais:

- competência linguística: é aquela em que autor e leitor precisam ter o domínio da língua, base da comunicação.
- competência enciclopédica: é o conhecimento de mundo.
- competência genérica: o autor deve adequar seu texto a certo gênero discursivo para que o leitor seja capaz de, ao menos, distinguir diferentes gêneros para melhor compreender e interpretar o texto lido.

As competências não se manifestam numa ordem sequencial e tampouco essa ordem prejudica a interpretação do discurso.

O produtor deve, no primeiro momento, possuir condições de produzir qualquer tipo de texto e, em seguida, prever um leitor com o qual ele pretenda compartilhar suas ideias via texto. Dentro desse processo interativo entre autor e leitor, mediado pelo texto, não ocorre apenas uma relação de casualidade, mas de cumplicidade, visto que a atividade de um só pode ser concluída com

³⁰ Os fatores de textualidade, incluindo os internos (coesão e coerência) da língua, são analisados por Beaugrande e Dressler e sintetizados por Costa Val (1999).

sucesso caso o outro a complete também. Kleiman (1989, p. 65) esclarece a cumplicidade estabelecida entre autor e leitor do seguinte modo:

Mediante a leitura, estabelece-se uma relação entre leitor e autor que tem sido definida como de responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das divergências possíveis em opiniões e objetivos. Decorre disso que ir ao texto com ideias preconcebidas, inalteráveis, com crenças imutáveis, dificulta a compreensão quando estas não correspondem àquelas que o autor apresenta, pois nesse caso o leitor nem sequer consegue reconstruir o quadro referencial através de pistas formais.

Com base no exposto por Kleiman, podemos presumir que o autor e o leitor se tornam responsáveis no processo de leitura. Assim, o autor, ao elaborar um texto, deve fazê-lo de modo claro, deixando pistas para que o leitor o compreenda e reconstrua o caminho percorrido pelo autor. O papel do leitor, nesse processo, é confiar e perceber que as informações contidas no texto apresentam algo de relevante e que são enunciadas de modo claro e coerente. Se, porventura, o leitor se depara com possíveis entraves no processo de leitura, ele deve valer-se de seu conhecimento linguístico, textual e de mundo. Tais conhecimentos são preponderantes para que esse leitor compreenda um texto de modo eficiente. Sendo assim, conforme Kleiman, a construção de sentido de um texto é o resultado da interação dos diversos níveis de conhecimentos de que dispõe o leitor.

Na produção escrita, o leitor tem um papel fundamental, visto que o texto não é algo independente, ou seja, o texto passa a ter significação a partir do momento em que ele possibilita ao leitor uma leitura, uma compreensão e uma interpretação.

7.1.3 Situacionalidade

A situacionalidade realiza-se na adequação à situação comunicativa do produtor/texto/leitor, inteirados no contexto. A produção e a leitura do texto ocorrem situadas em uma situação – social, cultural, ambiental etc.

Uso o exemplo de Marcuschi (2008, p. 129):

Tomemos o caso de alguém que quer falar ao telefone: essa situação exigirá uma série de ações mais ou menos consolidadas e que vão constituir o gênero *telefonema*. Haverá a chamada, as identificações e os cumprimentos mútuos, a abordagem de um tema, ou de vários, e as despedidas.

Assim é com qualquer texto que exige situações definidas. Ou, em outras palavras, o texto "conserva em si traços da situação".

7.1.4 Informatividade

A informatividade diz respeito ao grau de informatividade do texto, tanto no aspecto formal quanto no conceitual. O texto atende à expectativa do leitor ou rompe com ela.

O fator de informatividade é importante como norteador para o produtor do texto. O produtor, antes de iniciar seu texto, precisa ter em mente o tipo de leitor que ele quer ou que tipo de leitor será destinado a ele. Vamos considerar as situações a) e b):

- a) É solicitada ao produtor uma palestra sobre questão de gênero para uma plateia constituída por historiadores e antropólogos.
- b) É solicitada ao produtor uma palestra sobre questão de gênero para alunos ingressantes no curso de história e ciências sociais.

Na situação a), o produtor terá como leitores-ouvintes especialistas no assunto; pessoas que já conhecem muito sobre questão de gênero e esperam, portanto, pelo menos, um conteúdo novo, atual. Se o produtor não tomar cuidado com o texto que for apresentar, poderá ser repetitivo; poderá falar o abc para quem já sabe o alfabeto.

Na situação b), o produtor terá como leitores-ouvintes de sua palestra pessoas que não conhecem o assunto ou que conhecem superficialmente. Nesse caso, o produtor precisa iniciar seu texto explicando, por exemplo, que o termo "questão de gênero" na área de história, de antropologia, significa o estudo do papel da mulher na sociedade. Tal informação seria redundante se apresentada para o público da situação a), no entanto, seria extremamente esclarecedor para o público da situação b).

Como bem diz Marcuschi (2008, p. 132), "ninguém produz textos para não dizer absolutamente nada." Para o autor, é essencial pensar que em um texto deve ser possível distinguir:

- o que o texto quer transmitir.
- o que é possível extrair dele.
- o que não é pretendido.

7.1.5 Intertextualidade

A intertextualidade é fenômeno ocorrido no texto quando este faz referência a outro. A palavra intertextualidade é derivada de

inter (entre) + texto + dade

significando, então, relação entre textos.

Vamos aos exemplos de relação entre textos:

- Em linhas bem gerais, pode-se dizer que as ciências sociais englobam disciplinas que estudam as sociedades humanas, sua cultura e evolução. Coube ao filósofo grego Aristóteles, que viveu no

século IV a.C., cunhar uma definição que, imperfeita para os tempos modernos, ainda mantém uma força singular: 'o homem é um animal político, incapaz de viver sozinho'. O problema é que a convivência com os outros obriga a muitas indagações. O que dá origem aos conflitos, às crises políticas, à escassez? Aí é que entram as ciências sociais, estudando os problemas sociais, econômicos, políticos, espaciais e ambientais, para, ao diagnosticá-los, resolvê-los, se não de todo, pelo menos ajudando a minorá-los.³¹

No exemplo acima, temos um texto publicado no *site* da Unesp. Ele serve para informar sobre o curso de ciências sociais e sobre o foco de interesse desse curso. O leitor provável é um vestibulando, que, indeciso, precisa conhecer melhor o curso e procura no *site* dessa e de outra instituição de ensino. Nesse texto, nós encontramos referência a outro texto. Já identificou? O texto que está dentro do texto produzido pela Unesp é "o homem é um animal político, incapaz de viver sozinho", e a fonte está bem explícita: Aristóteles. Então, nesse texto temos um caso de intertextualidade. Vamos a outro exemplo:

- Atualmente, sabe-se que o sucesso de uma empresa depende, basicamente, de uma boa administração. Quando se fala em boa administração, deve-se levar em consideração não só as políticas de recursos humanos ou as estratégias de *marketing*, mas, principalmente, uma boa administração financeira. Segundo Santos (2001), o sucesso empresarial demanda cada vez mais o uso de práticas financeiras apropriadas.³²

No artigo científico acima, identificamos novamente uma ocorrência de intertextualidade. O produtor precisa mostrar que sua ideia tem base em conhecimentos já estabelecidos; ele não é leigo em seu campo de pesquisa. Por isso, encontramos referências a vários outros autores por meio de citações ou paráfrases. Nesse texto, os autores se apropriaram de uma ideia de Santos e a reescreveram, fazendo uma paráfrase.

Intertextualidade é, portanto, a presença de parte de um texto já existente dentro de um texto atual. A intertextualidade pode ser implícita, e dependerá do leitor para ser percebida, ou explícita, como nos exemplos citados, em que há fonte.

Os tipos de intertextualidade são:

Citação: ocorre quando, em um texto, aparece a reflexão ou o ponto de vista de um determinado autor ou autoridade no assunto.

Paráfrase: quando, no texto, ocorre a alusão (reescrita) a um outro texto, com o objetivo de reafirmar a mensagem ou parte dela.

Paródia: ocorre ao contestar ou ridicularizar outro texto. A ironia é uma figura de linguagem muito utilizada para esse fim.

³¹ *Site* da Unesp

³² Artigo científico de Marcio Machado e Hellen Silva.

Epígrafe: é um recurso utilizado para fazer referência a alguém.

Tradução: versão de uma língua para outra; é um procedimento que implica a intertextualidade.

Intertextualidade é um recurso riquíssimo – com recorrência em textos literários, científicos, conversacionais, cotidianos, enfim, de todas as esferas do conhecimento – que pode se valer tanto da forma oral quanto da escrita da língua. A intertextualidade é recorrente também em textos não verbais, como tirinhas, charges, HQ (história em quadrinhos) e outros.

- - - - - EXERCÍCIOS - - - - -

1. O texto abaixo sustenta que, para a eficácia dos estudos científicos, devemos desconfiar do que é familiar:

Sob a ótica do *senso comum*, conhecimento tem a ver com a *familiaridade*. O conhecido, diz a linguagem comum, é o familiar. Se você está acostumado com alguma coisa, se você lida ou se relaciona habitualmente com ela, então você pode dizer que a conhece. O desconhecido, por oposição, é o estranho. O grau de conhecimento, nessa perspectiva, é função do grau de familiaridade: quanto mais familiar, mais conhecido. Daí a fórmula; "eu sei = estou familiarizado com isso como algo certo". Mas se o objeto revela alguma anormalidade, se ele ganha um aspecto distinto ou se comporta de modo diferente daquele a que estou habituado, perco a segurança que tinha e percebo que não o conhecia tão bem quanto imaginava. Urge domá-lo, reapaziguar a imaginação. Ao reajustar minha expectativa e ao familiarizar-me com o novo aspecto ou com o novo comportamento, recupero a sensação de conhecê-lo.

Sob a ótica da abordagem *científica*, contudo, a familiaridade não é só falha como critério de conhecimento, como é inimiga do esforço de conhecer. A sensação subjetiva de conhecimento, associada à familiaridade, é ilusória e inibidora da curiosidade interrogante de onde brota o saber. O familiar não tem o dom de se tornar conhecido só porque estamos habituados a ele. Aquilo a que estamos acostumados, ao contrário, revela-se, com frequência, o mais difícil de se conhecer verdadeiramente.³³

Esse texto, por causa de seu conteúdo, pode ser relacionado a qual fator de textualidade?

- a) Intencionalidade
- b) Aceitabilidade
- c) Informatividade
- d) Situacionalidade
- e) Intertextualidade

³³ Gianetti, Eduardo. *Autoengano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 72.

2. Um grande desafio para você, caro aluno: produza dois textos curtos, do tipo expositivo, sobre um conteúdo específico de sua área:

a) Para mim e para leitores iguais a mim, ou seja, leigos em sua área:

b) Para um professor de seu curso, que conheça bem o assunto.

3. As atividades seguintes baseiam-se no conceito de intertextualidade.

a) Em uma apresentação sobre gestão empresarial, o palestrante usou o diálogo a seguir para reforçar a ideia da necessidade de definirmos metas, projetos. O diálogo a seguir foi retirado de qual texto?

- Podia me dizer, por favor, qual é o caminho pra sair daqui?
- Isso depende muito do lugar para onde você quer ir – disse o gato.
- Não me importa muito para onde... – disse Alice.
- Nesse caso, não importa por onde você quer ir – disse o gato.

b) Identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção depende muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura. Diante desse fato, faremos papel de detetive no texto seguinte, a fim de descobrir qual (ou quais) texto(s) foi(foram) inserido(s) nele. Descubra e indique a fonte intertextual. Depois discuta a importância de cada uma para a nova produção (o texto a seguir).

Estudo realizado com mais de 200 voluntários avalia atividade cardiovascular e endócrina comparada à satisfação pessoal.

Britânicos ligam felicidade à boa saúde

Salvador Nogueira
Da reportagem local

Já dizia o poeta Vinícius de Moraes: "É melhor ser alegre que ser triste". E a comprovação médica dessa obviedade psicológica acaba de vir de três pesquisadores do University College, em Londres. Eles demonstraram que a felicidade está diretamente ligada ao bom funcionamento do sistema endócrino e cardiovascular.

Claro, o dilema de uma famosa marca de biscoitos é a primeira coisa que chama a atenção nos resultados dessa pesquisa. O sujeito está feliz porque está saudável ou está saudável porque está feliz? Essa é uma boa pergunta. Tão boa, na verdade, que os cientistas, com os dados atuais, não têm condição de responder.

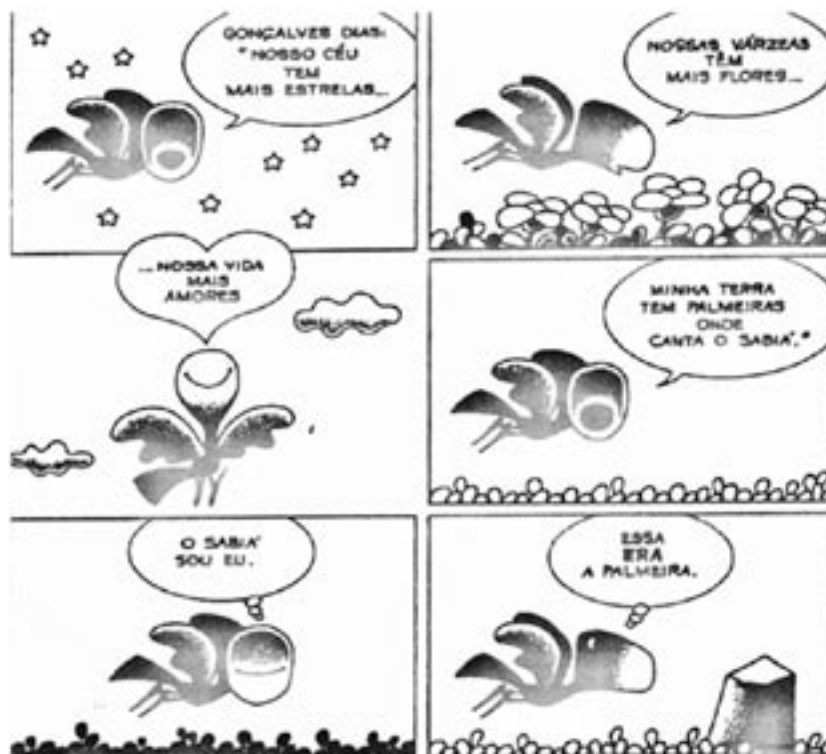
O que os pesquisadores liderados por Andrew Steptoe fizeram foi estabelecer uma correlação clara entre a felicidade e certas medidas indicativas de boa saúde, com base no acompanhamento de 226 londrinos – 116 homens e 110 mulheres. Os voluntários foram estudados não só em laboratório, mas também na vida cotidiana, trabalhando e de folga.

"Nós usamos simples índices de felicidade que as pessoas nos davam umas 20 a 30 vezes por dia", diz Steptoe. Em cada nova avaliação, o participante tinha de dizer o que andara fazendo nos últimos cinco minutos e como ele classificava seu nível de felicidade no período, numa escala de 1 a 5.

"Desse modo, nossas medidas não dependiam apenas de como alguém se sentia num único ponto do tempo, mas dos níveis médios ao longo do dia."³⁴

c) Na história em quadrinhos seguinte, um poema famoso da literatura brasileira tornou-se fonte para o enredo. Identifique esse texto. Qual foi a atualização ocorrida nesse poema?

³⁴ Fonte: *Folha de S. Paulo*, 19 abr. 2005.



Resolução dos exercícios:

1. A alternativa correta é a c). O texto pode ser relacionado à informatividade porque o conceito desse fator de textualidade lida com o grau de informação do texto, do autor, do leitor. Se o leitor conhece bem o assunto, não tirará nada novo do texto; se o leitor pensa que já conhece bem o assunto e lê um texto com conteúdo novo, aprenderá muito com ele. A informatividade, então, pode ou não atender à expectativa do leitor.

2. Ao escrever o primeiro texto, certamente você colocou o fator informatividade em um grau muito alto, pois com certeza precisou expor dados do assunto em detalhes. No entanto, talvez foi uma produção mais fácil do que a do segundo texto. Provavelmente a segunda redação exigiu mais de você, porque precisou se colocar no lugar do professor (do leitor especialista) e se perguntar: afinal, o que o meu público não conhece? Que contribuição efetiva meu texto pode levar ao meu leitor? Além disso, a adequação da linguagem foi outra: se no primeiro você usou poucos ou nenhum termo técnico, no segundo eles foram empregados sem receio de não serem entendidos.

3. a) Na apresentação sobre gestão empresarial, o palestrante usou trecho da obra *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, para ilustrar sua tese.

b) Na matéria sobre o estudo realizado com os mais de 200 voluntários, o texto jornalístico já inicia com uma referência a outro texto: o primeiro verso da música *Samba da bênção*, de Vinícius de Moraes. No decorrer do texto, o leitor consegue relacionar essa intertextualidade ao próprio assunto da notícia, que trata da felicidade. No segundo parágrafo, ao empregar a paráfrase/paródia "o sujeito está feliz

porque está saudável ou está saudável porque está feliz?" o autor remete a um anúncio publicitário de bolacha que ficou muito conhecido. Além dessas ocorrências intertextuais, há a fala do especialista, conferindo credibilidade ao texto jornalístico.

c) O poema é *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, e foi criado em 1836. O poema é atualizado na HQ para mostrar que a natureza não é a mesma depois de tanto desmatamento.

7.2 Fatores internos do texto

Até aqui você viu o que é um texto, isto é, quais são as características básicas que nos permitem considerar um texto como tal. Veremos agora alguns fatores importantes para a qualidade de um texto, como coesão e coerência; clareza e concisão e correção gramatical.

7.2.1 Coesão e coerência

Para entendermos a noção de coesão/coerência, primeiramente devemos considerar a hierarquia de valores que existe desde uma palavra até um texto. É essa hierarquia que determina a coesão/coerência, tendo em vista ser o texto um "todo" de significado, ou seja, para considerarmos que um texto é um "texto", temos que levar em consideração sua organização sintático-semântica em primeiro lugar.

Assim, a **coesão** equivale à relação entre as palavras, entre as orações, entre os períodos, enfim, entre as partes que compõem um texto. Quando chegamos ao "todo", ao sentido global, temos a coerência do texto. Então, um fator depende do outro, isto é, a coerência pressupõe a coesão.

Exemplificando: o falante de língua portuguesa não reconhece coesão nem coerência em uma sequência como a seguinte:

Dia é muito este especial vida minha em.

No entanto, esse mesmo falante reconheceria como coerente (e coesa) a sequência:

Este dia é muito especial em minha vida.

Houve organização sintático-semântica na segunda sequência, o que não ocorreu na primeira.

Segundo Koch (1998), "o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual".

Essa coesão pode ser estabelecida por meio de mecanismos referenciais e/ou sequenciais, segundo os estudos linguísticos. Para entendermos melhor, vejamos a proposta didática dessas classificações feita por Fiorin e Savioli (1999).

7.2.1.1 Coesão por retomada ou por antecipação (coesão referencial)

a. Retomada ou antecipação por uma palavra gramatical

São classes gramaticais (artigos, pronomes, numerais, advérbios, verbos) que funcionam, no texto, como elementos de retomada (anafóricos) ou de antecipação (catafóricos) de outros termos enunciados no texto.

Exemplo:

Estamos (a) reunidos para examinar o caso. Eu, a diretoria e vocês entendemos que não se trata de uma questão simples. Ela (b) deve ser analisada com muita cautela, por isso nós (c) nos encontramos aqui.

No pequeno trecho, podemos observar as expressões destacadas e verificar que:

(a) "Estamos" é o verbo que antecipa o sujeito "eu, a diretoria e vocês". Na sequência, é um elemento catafórico.

(b) "Ela" é um pronome que retoma "uma questão", portanto, um elemento anafórico.

(c) "Nós" é pronome (elemento anafórico) que retoma o sujeito "eu, a diretoria e vocês".

É a isso que se denomina "retomada ou antecipação por uma palavra gramatical". Podemos então encontrar em um texto vários elementos que estabelecem essa retomada ou antecipação. São eles que formam as ligações no texto, ou seja, são esses termos que instituem o que se denomina coesão referencial.

Algumas observações

1- O termo substituído e/ou retomado pode ser inferido pelo contexto.

Exemplo: Estamos aqui para examinar o caso.

Nessa frase, a palavra "aqui", se não houver referência anterior explícita a ela, leva à inferência de que se trata do local em que ocorre a situação comunicativa (que não precisa ser um lugar concretamente especificado).

2- No uso de artigo, o definido tem a função de retomar um termo já enunciado, enquanto o indefinido geralmente introduz um termo novo.

Exemplos:

(a) Encontrei a carta sobre a mesa (o emprego do artigo definido "a" faz pressupor que se trata de uma carta já referida anteriormente).

(b) Uma carta foi deixada sobre a mesa (o emprego do artigo indefinido "uma" introduz o termo carta, ou seja, o termo está sendo apresentado no texto).

3- Os verbos "fazer" e "ser", enquanto anafóricos, substituem, respectivamente, ações e estados.

Exemplos:

(a) João e Maria estudaram muito para a prova, o que você não fez. (= estudar)

(b) Eduardo e o irmão ficaram muito emocionados com a homenagem, mas não foi (= ficaram emocionados) como esperávamos.

4- Ambiguidade.

Quando um elemento anafórico se refere a dois antecedentes distintos, pode provocar ambiguidade.

Exemplos:

(a) Pronome possessivo:

Minha amiga discutiu com a irmã por causa de sua resposta (sua = da amiga ou da irmã?).

(b) Pronome relativo:

Ela convidou o irmão do namorado, que chegou atrasado para a festa (que = o irmão ou o namorado?).

b. Retomada por palavra lexical (substantivos, verbos, adjetivos)

Além das palavras gramaticais, há outra forma de se retomar as palavras no texto. É o mecanismo de substituição por sinônimos, por hiperônimos, por hipônimos ou por antonomásias.

No exemplo referente ao item **Retomada ou antecipação por uma palavra gramatical**, podemos observar um desses mecanismos: em "(...) de uma questão simples", o substantivo "questão" retoma "o caso" por um processo de substituição por sinônimos.

A relação de hipônimo/hiperônimo corresponde à relação de "contém"/"está contido". O primeiro está contido no segundo e vice-versa. Por exemplo, cachorro é hipônimo de mamífero e vice-versa.

Quanto à antonomásia, é o processo de substituição de um nome próprio por um comum ou de um comum por um próprio. Geralmente é utilizada para personalidades.

Exemplo: A rainha dos baixinhos estreia novo filme (em vez de Xuxa estreia novo filme).

Entre os mecanismos de coesão referencial também se encontra a elipse, quer dizer, o apagamento de palavras (que podem ser recuperadas pelo contexto) em uma sequência, para que não haja repetição indevida.

Exemplo: O presidente da República anunciou novas medidas. Ø Baixou os juros, Ø elevou o salário mínimo e, ainda, Ø regulamentou a criação de novos empregos.

Veja que o símbolo Ø representa o sujeito "O presidente da República", que foi omitido para evitar repetição na sequência. Trata-se da elipse do sujeito.

7.2.1.2 Coesão por encadeamento de segmentos textuais (coesão sequencial)

a. Coesão por conexão

Estabelecida por conectores (ou operadores discursivos) que fazem a relação entre segmentos do texto. Esses conectores, além de estabelecer relação lógico-semântica entre as partes do texto (de causa, finalidade, conclusão etc.), têm função argumentativa, que, segundo Fiorin e Savioli (1999), podem ser dos seguintes tipos:

1. Os que marcam uma **gradação**, numa série de argumentos, orientada para uma determinada conclusão (até, mesmo, até mesmo, inclusive, ao menos, pelo menos, no mínimo, no máximo, quando muito). Ex.: Ele tem todas as qualidades para vencer o concurso: é alto, magro e até inteligente.
2. Os que marcam uma relação de **conjunção** argumentativa (ligam argumentos em favor de uma conclusão, como: e, também, ainda, nem, não só... mas também, tanto...como, além de, além disso, a par de). Ex.: O cliente não recebeu o produto solicitado e teve, ainda, que pagar em dinheiro.
3. Os que indicam uma relação de **disjunção** argumentativa (argumentos que levam a conclusões opostas, como: ou, ou então, quer...quer, seja...seja, caso contrário). Ex.: Todos os convocados pelas autoridades competentes devem apresentar-se ou serão intimidados a fazê-lo.
4. Os que marcam uma relação de **conclusão** (portanto, logo, por conseguinte, pois, quando não introduz a oração). Ex.: Ele fora classificado como o melhor corredor. Recebera, pois, o maior prêmio. (Está implícito que quem fosse considerado o melhor corredor receberia o melhor prêmio).
5. Os que estabelecem uma **comparação** entre dois elementos, com vistas a uma conclusão (a favor ou contra). Ex.: Não sei se o trabalho ficará bom, mas esse pedreiro é tão eficiente quanto o outro.
6. Os que introduzem uma **explicação** ou **justificativa** (porque, já que, que, pois). Ex.: É melhor não mexer no material, já que não tem a intenção de comprá-lo.

7. Os que marcam uma relação de **contrajunção** (mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, embora, ainda que, mesmo que, apesar de que). Ex.: O governo abriu financiamento de casas para a classe média, porém, uma parte dessa população já tem casa própria.
8. Os que introduzem **argumento decisivo**, como um acréscimo à informação (aliás, além do mais, além de tudo, além disso, ademais). Ex.: Ela tirou tudo do armário, espalhou no quarto e não terminou a arrumação. Aliás, como de costume.
9. Os que indicam uma **generalização** ou uma **amplificação** da informação anterior (de fato, realmente, aliás, também, é verdade que). Ex.: Não bastasse estar atrasado, também esqueceu o ingresso no bolso da calça.
10. Os que **especificam** ou **exemplificam** o que foi dito (por exemplo, como etc.). Ex.: Todos ficaram insatisfeitos com a decisão da mãe, como o filho mais velho.
11. Os que marcam uma relação de **retificação**, ou seja, uma correção, um esclarecimento, um desenvolvimento ou uma redefinição do conteúdo anterior (ou melhor, de fato, pelo contrário, ao contrário, isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras). Ex.: O candidato não honrou seu compromisso, isto é, não cumpriu o que prometera em campanha eleitoral.
12. Os que introduzem uma **explicitação**, uma **confirmação** ou uma **ilustração** do que foi informado (assim, desse modo, dessa maneira). Ex.: Encontramo-nos em período de crise econômica. Assim, o comércio de produtos eletrônicos está em baixa.

b. Coesão por justaposição

Esse tipo de coesão pode ser estabelecido com ou sem elementos de ligação. Quando há conectores, estes podem ser:

1. Os que marcam sequência temporal. Ex.: A mulher abandonara o lar. Um ano depois, estava arrependida.
2. Os que marcam uma ordenação espacial. Ex.: À direita fica o portão de entrada para o prédio.
3. Os que especificam a ordem dos assuntos no texto. Ex.: Primeiramente, devo declarar que aceito a proposta.
4. Os que introduzem um dado tema ou servem para mudar o assunto na conversação. Ex.: Devemos nos unir para uma decisão acertada. Por falar nisso, estamos todos no mesmo barco.

Algumas observações:

1. Quando não há conectores, eles podem ser inferidos pelo contexto.

Ex.: Não assistirá à conferência. Está atrasada. (subentende-se um conector que estabeleça relação de causa na segunda oração, como "porque")

2. Quanto à manutenção do tema no texto, trata-se da articulação tema (dado) e rema (novo) que se dá na perspectiva oracional ou contextual.

Se desejar aprofundar-se no tema, vale a pena ler *A coesão textual*, de I. V. Koch, São Paulo: Contexto, 1998.

Ex.: Vamos descrever, então, o interior da casa. A sala é ampla e se divide em dois ambientes. Os quartos são bem arejados. A cozinha comporta toda a família nos horários de refeição.

- - - - - EXERCÍCIOS - - - - -

1. "Em uma manhã ensolarada, Heitor encontrou uma linda cachorrinha, pequena e toda branquinha, e deu a ela o nome de Blanche." (N. Rosa e A. Bonito)

Em relação ao termo "ela" encontrado no texto, é um elemento coesivo:

- a) Sem referência no texto, ou seja, o leitor busca fora do texto o referente.
- b) Classificado como sequencial, uma vez que se encontra na oração coordenada.
- c) Referencial de pronome adjetivo.
- d) Referencial anafórico, uma vez que seu referente vem antes dele.
- e) Referencial catafórico, porque seu referente "cachorrinha" vem antes dele no texto.

2. "Magda, desta parte quem cuida é o suporte técnico. Por favor, envie uma mensagem para eles, apresentando, com clareza, a sua dúvida, que prontamente será atendida." Nesse recado, o leitor depara-se:

- a) Com um texto sem segmentos coesivos entre as orações.
- b) Com um referencial coesivo anafórico (eles).
- c) Com a expressão "suporte técnico", a qual é referente do pronome anafórico "eles".
- d) Com um referente não explícito no texto do pronome "eles".
- e) Com um referente explícito, que é o termo Magda.

3. A seguir, leia os enunciados 1 e 2:

1. "Lúcia ainda não sabe que carreira pretende seguir. Aliás, é o que está acontecendo com grande número de jovens na fase pré-vestibular."

2. "Muitos de nossos alunos estão desenvolvendo pesquisas no exterior. Por exemplo, Mariana está na França e Marcelo, na Alemanha."

Temos, respectivamente, relação discursiva/argumentativa do tipo:

- a) Generalização e exemplificação.
- b) Generalização e contrajunção.
- c) Contrajunção e exemplificação.
- d) Conjunção e explicação.
- e) Comparação e exemplificação.

4. Chamamos de encadeamento o inter-relacionamento de enunciados sucessivos, com ou sem elementos explícitos de ligação. Portanto, podemos ter encadeamento por justaposição (sem a presença do articulador/conector) e por conexão (quando o conector está presente no texto). Leia os enunciados:

I- O barranco desmoronou. As chuvas desta noite foram muito violentas. (conexão causal)

II- As flores estão congeladas porque geou. (conexão causal)

III- Nosso candidato foi derrotado porque houve infidelidade partidária. (conexão causal)

Assinale a alternativa correta:

- a) Os enunciados I, II e III têm encadeamento por justaposição.
- b) Os enunciados I, II e III têm encadeamento por conexão.
- c) Apenas o enunciado I tem encadeamento por justaposição.
- d) Os enunciados II e III não possuem conector explícito.
- e) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

5. Assinale o item em que o pronome relativo "que" pode causar ambiguidade:

- a) O homem que cumprimentei é o diretor da universidade.
- b) O aluno que estuda vence, cedo ou tarde.
- c) A casa em que moro fica próxima ao centro.

d) Não conheço o pai do menino que se acidentou.

e) Adriano, que comprou a decoração, fará o bolo.

6. Veja como os textos se desenvolvem quanto à coesão e assinale a alternativa que acertadamente classifica o tipo de coesão predominante em cada texto respectivamente:

I. "Se você é estudante de nível superior – graduação, sequencial ou pós-graduação –, a Conta Universitária Caixa é o que você precisava. Com ela, você conquista a independência financeira, sem comprovação de renda e com diversas vantagens." (*site da Caixa Econômica Federal*)

II. "São Paulo acrescenta continuamente requintes à roleta-russa em que se transformou a vida na cidade. Antes, o paulistano já sabia que, se escapasse de assalto, poderia cair em sequestro (relâmpago ou duradouro, que a roleta-russa é sofisticada). Se não fosse sequestrado, teria o carro roubado. Se ficasse com o carro, afundaria em algum dos alagamentos bíblicos do cotidiano. Se não naufragasse, ficaria preso em um congestionamento cinematográfico. E, se nada disso ocorresse, ainda haveria na agulha a bala de cair no buraco do metrô e ter o cadáver resgatado apenas uma semana ou dez dias depois."

III. "A fênix é um pássaro das Arábias. Não morre nunca. Ou melhor, morre muitas vezes, queimada no fogo, e cada vez renasce das cinzas."

Assinale a alternativa correta:

a) I. coesão referencial por substituição; II. coesão recorrencial por paráfrase; III. coesão recorrencial por paralelismo.

b) I. coesão recorrencial por paralelismo; II. coesão referencial por substituição III. coesão recorrencial por paráfrase.

c) I. coesão recorrencial por paralelismo; II. coesão recorrencial por paráfrase; III. coesão referencial por substituição.

d) I. coesão referencial por substituição; II. coesão recorrencial por paralelismo; III. coesão recorrencial por paráfrase.

e) I. coesão recorrencial por paráfrase; II. coesão recorrencial por paralelismo; III. coesão recorrencial por paralelismo.

Resolução dos exercícios:

1. A alternativa correta é a d). A coesão classifica-se como coesão referencial anafórica, porque o elemento referente "cachorrinha" vem antes do pronome "ela".

2. A alternativa correta é a d). O elemento coesivo "eles" não possui um referente explícito no texto, precisando, portanto, ser inferido pelo leitor. Na verdade são os membros da equipe do suporte técnico o referente para "eles".
3. A alternativa correta é a a). O enunciado 1 tem relação do tipo generalização com o conector "aliás", e o 2, do tipo exemplificação com o conector "por exemplo".
4. A alternativa correta é a c). O enunciado I tem encadeamento por justaposição porque entre as orações não há um conector explícito de causa, como ocorre nos enunciados II e III. Nestes, o conector de causa é "porque", que relaciona as orações.
5. A alternativa correta é a d). O uso do pronome relativo "que" utilizado nessa frase torna-se ambíguo, porque o leitor não sabe se o pronome está substituindo a palavra menino ou a palavra pai.
6. A alternativa correta é a d). A coesão referencial por substituição é empregada no texto I: o termo "ela" recupera o termo anterior "Conta Universitária Caixa". A coesão recorrencial por paralelismo marca o texto II, em que as orações condicionais começam com "se" (antecedente) e são seguidas pela oração principal (consequente). A coesão recorrencial por paráfrase se materializa no texto III com a expressão "ou melhor".

7.2.1.3 Coerência e progressão textual

Como já dissemos, a coerência é o todo de sentido em que resulta o texto. Para que ela se estabeleça, é preciso observar a não contradição de sentidos entre partes do texto, o que se constrói pelos mecanismos de coesão já explicitados.

Além disso, de acordo com Fiorin e Savioli (1999), há vários níveis que devem ser levados em conta, como o narrativo, o figurativo, o temporal, o argumentativo, o espacial e o de linguagem. Para todos eles, dois tipos de coerência são fundamentais: a coerência intra e a extratextual. A primeira corresponde à organização e ao encadeamento das partes do texto, ao passo que a segunda pode estar relacionada tanto ao conhecimento de mundo como ao conhecimento linguístico do falante.

No entanto, há textos que podem ser incoerentes aparentemente. Para se verificar se o texto tem sentido, é preciso considerar vários fatores que podem levar à atribuição de significado ao texto. São eles: o contexto, a situação comunicativa, o gênero, o(s) intertexto(s).

Esses fatores determinam as condições de produção e de recepção de um texto. É preciso ter conhecimento dessas condições para julgar coerente (ou não) um texto. Para exemplificar, um texto literário, por ser ficcional, admite o uso da linguagem figurada, ao passo que um texto científico não a admite. Portanto, se houver o uso de uma metáfora em um texto científico, por exemplo, este será julgado incoerente.

Vejam os textos para melhor ilustrar o que foi dito até aqui.

O leão, o burro e o rato

Um leão, um burro e um rato voltavam, afinal, da caçada que haviam empreendido juntos (1) e colocaram numa clareira tudo que tinham caçado: dois veados, algumas perdizes, três tatus, uma paca e muita caça menor. O leão sentou-se num tronco e, com voz tonitruante que procurava inutilmente suavizar, berrou:

– Bem, agora que terminamos um magnífico dia de trabalho, descansemos aqui, camaradas, para a justa partilha do nosso esforço conjunto. Compadre burro, por favor, você, que é o mais sábio de nós três, com licença do compadre rato, você, compadre burro, vai fazer a partilha desta caça em três partes absolutamente iguais. Vamos, compadre rato, até o rio, beber um pouco de água, deixando nosso grande amigo burro em paz para deliberar.

Os dois se afastaram, foram até o rio, beberam água (2) e ficaram um tempo. Voltaram e verificaram que o burro tinha feito um trabalho extremamente meticuloso, dividindo a caça em três partes absolutamente iguais. Assim que viu os dois voltando, o burro perguntou ao leão:

– Pronto, compadre leão, aí está: que acha da partilha?

O leão não disse uma palavra. Deu uma violenta patada na nuca do burro, prostrando-o no chão, morto.

Sorrindo, o leão voltou-se para o rato e disse:

– Compadre rato, lamento muito, mas tenho a impressão de que concorda em que não podíamos suportar a presença de tamanha inaptidão e burrice. Desculpe eu ter perdido a paciência, mas não havia outra coisa a fazer. Há muito que eu não suportava mais o compadre burro. Me faça um favor agora – divida você o bolo da caça, incluindo, por favor, o corpo do compadre burro. Vou até o rio, novamente, deixando-lhe calma para uma deliberação sensata.

Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida. Dividiu o monte de caça em dois: de um lado, toda a caça, inclusive o corpo do burro. Do outro apenas um ratinho cinza (3) morto por acaso. O leão ainda não tinha chegado ao rio, quando o rato chamou:

– Compadre leão, está pronta a partilha!

O leão, vendo a caça dividida de maneira tão justa, não pôde deixar de cumprimentar o rato:

– Maravilhoso, meu caro compadre, maravilhoso! Como você chegou tão depressa a uma partilha tão certa?

E o rato respondeu:

– Muito simples. Estabeleci uma relação matemática entre seu tamanho e o meu – é claro que você precisa comer muito mais. Tracei uma comparação entre a sua força e a minha – é claro que você precisa de muito maior volume de alimentação do que eu. Comparei, ponderadamente, sua posição na floresta com a minha – e, evidentemente, a partilha só podia ser esta. Além do que, sou um intelectual, sou todo espírito!

– Inacreditável, inacreditável! Que compreensão! Que argúcia! – exclamou o leão, realmente admirado. – Olha, juro que nunca tinha notado, em você, essa cultura. Como você escondeu isso o tempo todo, e quem lhe ensinou tanta sabedoria?

– Na verdade, leão, eu nunca soube nada. Se me perdoa um elogio fúnebre, se não se ofende, acabei de aprender tudo agora mesmo, com o burro morto.

Moral: só um burro tenta ficar com a parte do leão.

- (1) A conjugação de esforços tão heterogêneos na destruição do meio ambiente é coisa muito comum.
- (2) Enquanto estavam bebendo água, o leão reparou que o rato estava sujando a água que ele bebia. Mas isso já é outra fábula.
- (3) Os ratos devem se contentar em se alimentar de ratos. Como diziam os latinos: *Similia similibus curantur* (Fernandes, Millôr).

Ao analisarmos o texto, podemos verificar o seguinte:

No texto, a coerência narrativa é estabelecida, primeiramente, pela sequência de ações que se encadeiam: o leão propõe um desafio ao burro e ao rato, ambos aceitam, mas o burro não capta a verdadeira intenção do leão e acaba morto; o rato, por sua vez, ao ver o burro morto, entende a mensagem e, para preservar sua vida, faz a divisão do alimento considerada justa para o leão e, assim, obtém sucesso.

Na sequência temporal, a narrativa apresenta uma sucessão de fatos que estabelece a progressão temática do texto a respeito da exploração do homem pelo homem, ou da lei da sobrevivência em uma sociedade competitiva, tema(s) este(s) que é (são) figurativizado(s) pelos animais partilhando o alimento, em que se destaca a soberania do leão na cadeia alimentar.

A fim de se concretizar a "verdade" do texto, há também a coerência espacial, visto que os animais se encontram em uma floresta, ambiente que concretiza o cenário em que se desenvolve a história. Como se trata de um texto ficcional, a coerência é estabelecida pela criação desse mundo possível em que os personagens se inserem.

Quanto à linguagem, é coerente ao tipo de texto, que permite o uso do coloquial, a fim de aproximar-se do interlocutor desse tipo de texto. Por isso, o vocabulário é acessível e há construções próximas à oralidade, como "Me façam um favor", em que o pronome oblíquo inicia a oração, uma forma que a norma padrão rejeita em textos escritos.

Há um "jogo" de pressupostos e subentendidos, que caracterizam o texto como literário, e consiste em uma estratégia argumentativa para a defesa do ponto de vista implícito de que "vence o mais forte".


Dessa forma, podemos considerar esse texto coerente, pois observamos tanto a coerência interna como a coerência externa dele. A primeira corresponde aos fatores ligados ao conhecimento linguístico já apresentado anteriormente, ao passo que a segunda se relaciona às condições de produção e/ou recepção do texto, tais como o gênero, a situação comunicativa e as relações intertextuais.

Sugerimos que, para amadurecer sua competência leitora, escolha outro texto narrativo, até mesmo uma nova fábula, e desenvolva sua análise contemplando os aspectos abordados até aqui.

Nesse sentido, podemos verificar que, por se tratar de uma crônica, é um texto que trata de tema do cotidiano, em uma linguagem coloquial, mas que constrói opinião pelas estratégias argumentativas. Além disso, de modo subentendido, faz alusão a outros textos existentes, do tipo fábula, que pressupõem a existência de uma "moral", recurso que se denomina intertextualidade. Podemos notar que por esse recurso há construção de uma ironia em relação à moral, que é apresentada de uma maneira "subvertida", isto é, de modo a levar o leitor à reflexão sobre a estupidez humana em suas relações sociais.

- - - - - EXERCÍCIOS - - - - -

1. A respeito do processo de elaboração que resultou no folheto apresentado abaixo, julgue os itens que se seguem.

	<p>I- A combinação entre o tema, o estilo das ilustrações e a escolha do traçado das letras revela crianças ou público de baixa escolaridade como o destinatário pretendido para esse texto.</p> <p>II- Apesar das poucas marcas de coesão, esse texto respeita as características do gênero textual que representa e atinge o objetivo pretendido: convidar para o festival.</p> <p>III- Coerentemente com o texto visual, que representa bonecos característicos da arte popular, a linguagem do texto verbal reproduz a linguagem popular no uso de termos como "entrada franca".</p>
---	--

Está certo o que se afirma apenas na alternativa:

- a) I.
- b) II.
- c) I e II.
- d) I e III.
- e) II e III.

2. Em uma das charges de Maitena, temos o seguinte diálogo entre duas mulheres:

– Mas não seja ridícula! Como você sabe que não vai voltar a vê-lo nunca mais? O que ele te disse? "Vou virar padre?" "Vou para a China?" "Vou me casar?"

– Não, muito pior... "Te ligo".

O leitor da charge consegue entender o texto porque:

- a) A coerência da charge está nas perguntas hipotéticas feitas pela primeira mulher.
- b) A coerência acontece quando "te ligo", dentro das relações amorosas, é interpretado como indício de desinteresse.
- c) A coerência depende exclusivamente da seleção lexical.
- d) A coerência é construída com base no conhecimento partilhado de que fazer ligação telefônica não está dentro das convenções de um relacionamento amoroso.
- e) A coerência ocorre devido ao fato de o leitor saber que nas conversas femininas não há de fato coerência. Assim, o leitor não estranha a resposta da segunda mulher da charge.

Resolução dos exercícios:

1. A alternativa correta é a e).

2. A alternativa correta é a b). A coerência não se aplica isoladamente ao texto, ao leitor, ao autor. A coerência se estabelece na união desses três elementos. A coerência da charge não depende exclusivamente do que é expresso linguisticamente no texto, mas também ao conhecimento que nós temos e que está fora do texto. No caso, nós leitores sabemos que quando uma pessoa promete ligar para outra, isso pode ter mais de um sentido: a pessoa de fato liga; a pessoa faz promessa por fazer, sabendo ambas pessoas que não haverá ligação; a pessoa não liga. Na relação amorosa, prometer ligar significa dispensar a pessoa.

7.2.1.4 Clareza e concisão

A clareza e a concisão compreendem duas qualidades primordiais de um texto bem elaborado. A primeira diz respeito à organização coerente das ideias, de modo a não deixar dúvidas sobre o que foi proposto pelo texto, desde seu início até sua conclusão, enquanto a segunda está associada à não prolixidade do texto, ou seja, uma está ligada à outra.

Do ponto de vista da produção, de acordo com a intenção, deve-se selecionar a estrutura que sustentará o texto, levando-se em consideração características peculiares a cada uma delas (narrativa, descritiva ou dissertativo-argumentativa), as quais serão apresentadas mais à frente. O fundamental é garantir que haja uma hierarquia de ideias e fatos na relação intratextual, a fim de se organizar um todo coeso e coerente.

Nesse sentido, a organização dos parágrafos no interior do texto é de suma importância e constitui uma das dificuldades que deve ser vencida pelo produtor, pois quando não se tem domínio dessa habilidade, há duas tendências na construção dos parágrafos: ou o texto é um bloco único de informações ou confundem-se período e parágrafo.

Para melhor compreensão, passemos a verificar essas duas etapas: a da organização discursivo-textual e a da elaboração dos parágrafos.

----- EXERCÍCIO -----

A expressão linguística, se é curta, é mais eficiente para um texto conciso. Assinale a alternativa em que os pares **não** estão adequados, considerando que as primeiras são as expressões longas:

- a) a fim de = para
- b) não discordar = aceitar
- c) com relação a = sobre
- d) no sentido de = para
- e) não impedir = permitir

Resolução dos exercícios:

A alternativa correta é a b). Existem expressões longas que podem ser substituídas por outras, mais curtas, facilitando a leitura. No caso da alternativa b) "não discordar", ela poderia ser substituída por "concordar".

7.2.1.5 Da organização dos parágrafos

Embora um parágrafo seja definido pela extensão que vai de uma margem em branco até um ponto final, devemos salientar que o mais importante é a garantia de uma unidade de sentido para cada parágrafo de um texto, o que não pode delimitar uma forma-padrão.

Primeiramente, ao se elaborar um texto, é preciso um planejamento, um roteiro que norteará a organização dele em parágrafos, de forma que haja um encadeamento lógico-semântico. Para tanto, faz-se necessário investigar o conhecimento prévio que se tem sobre o assunto, pois esse será ele que permitirá um plano de organização do texto.

Em seguida, deve-se fazer um esboço da estrutura do texto a ser produzido, partindo-se da ideia central, isto é, do tema escolhido. A partir dele, podem se relacionar tópicos que possam ser desenvolvidos em núcleos temáticos no interior do texto, de modo a se organizarem orações, períodos e parágrafos.

Para o planejamento dos parágrafos há sugestões de autores variados. Uma delas, que é consenso entre muitos deles, foi sintetizada por Emediato (2004, p. 92) da seguinte forma:

Tempo	Histórico sobre o assunto, datas, origens, narrativa histórica. Quando?
Espaço	Locais, situações no espaço. Onde?
Definição	O que é? Definir, conceituar, explicar o significado de um conceito.
Enumeração	Lista de características, funções, princípios, fatores, fases, etapas etc.
Comparação	Estabelecer relações de semelhança e de diferença, contrastar.
Causas/efeitos	Resultados, consequências, fatores causais.
Exemplificação	Fatos concretos, provas factuais.
Conclusão/dedução	Dedução geral, sintetizando os dados e informações contidas nos parágrafos anteriores.

A seleção de uma dessas formas direcionará a construção do texto, orientando a sequência dos parágrafos de acordo com a ênfase dada no início. É ela que estabelecerá as relações intratextuais e a segmentação dos parágrafos.

É importante salientar, ainda, que não há uma fórmula mágica para a organização dos parágrafos em um texto. O importante é estabelecer uma sequência lógica que o torne claro. Para que se inicie bem um texto (e, consequentemente, haja uma sequência coerente), Faraco e Tezza (1992, p. 178) sugerem as seguintes recomendações:

1. Iniciar o texto familiarizando o leitor com o assunto que será tratado, de modo que a introdução do texto situe com clareza as coordenadas do texto (assunto, intenção, aspecto que se pretende abordar).
2. Evitar o início do texto com uma frase avulsa, a não ser que o tipo de texto o exija (como a linguagem publicitária, por exemplo), pois esse procedimento denota má estruturação.
3. Utilizar períodos mais curtos, uma vez que os períodos longos tornam o texto prolixo e podem desinteressar o leitor.

8 ESCRITA E PRODUÇÃO CRIATIVA E ACADÊMICA

8.1 As escritas

A escrita é apenas um entre inúmeros outros sistemas de linguagem visual, como os desenhos, a mímica, sinais marítimos e terrestres, gestos, e é considerada a primeira revolução técnico-linguística³⁸.

Existem:

- **a escrita pictográfica**, que consiste em gravuras e pinturas rupestres datadas desde o período paleolítico.
- **a escrita mnemônica**, que consiste na combinação de fios de lã de cores diversas e colares de conchas justapostas (até seis, sete mil conchas), conjunto que representa é uma representação simbólica de ideias e seu encadeamento.
- **a escrita fonética**, que consiste na possível substituição do som, utilizando um alfabeto que tem em vista sua estrutura fonológica, isto é, binária – vogal/consoante.
- **a escrita ideográfica**, que consiste em sinais diferentes para representar objetos e ideias.

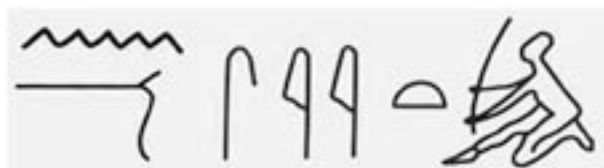
Cada escrita é independente da outra. Nada indica que a escrita ideográfica tenha sido inventada pelos chineses, que não mais se satisfaziam com a escrita pictográfica, e menos ainda que a escrita fonética tenha nascido de uma consciência da insuficiência dos sistemas ideográficos. Não há, entre os sistemas de escrita, sucessão no tempo. A prova é que, até hoje, sistemas pictográficos e ideográficos se mantêm. É importante, por conseguinte, abandonar de uma vez para sempre a ideia de uma "evolução" da escrita: há evolução dentro de cada sistema, mas não de um sistema para outro (Martins, 2002).

³⁸ A segunda revolução é a proliferação de gramáticas e dicionários nos séculos XV e XVI. Por causa das colonizações, os europeus se preocuparam em formalizar suas línguas para os colonizados e passaram a escrever gramáticas e dicionários.

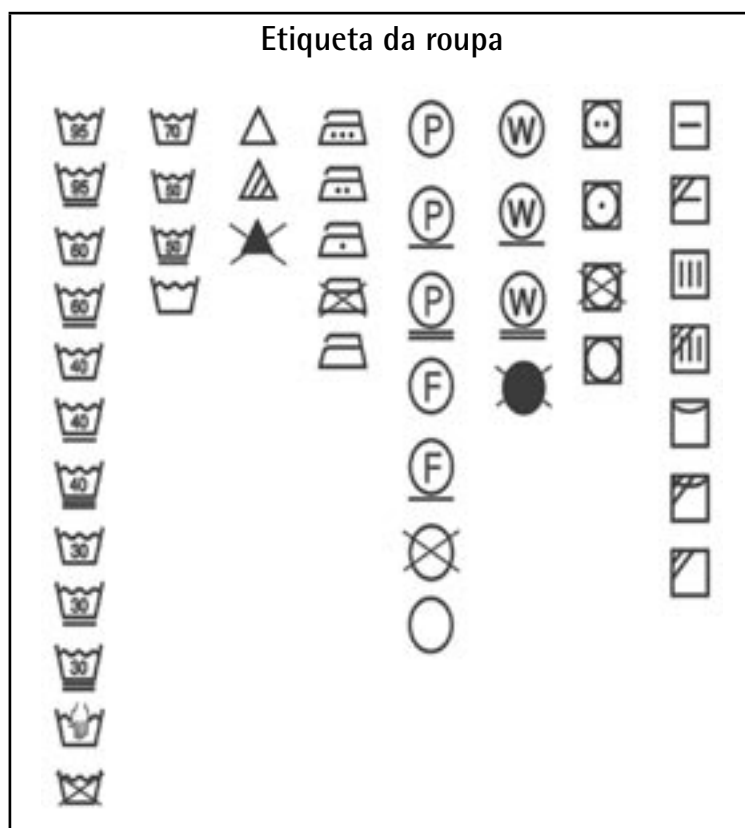
A escrita, então, não depende de um processo que se poderia julgar natural, de evolução ou de mutação: ela nasce de uma revolução, de uma *des-ordem*, da subversão das normas tradicionais da comunicação social.

-EXERCÍCIOS-

Unidade ideográfica fundamental do sistema de escrita do antigo Egito, que durou até o século III da nossa era. Do que estamos falando? Do hieróglifo. Veja o exemplo a seguir:



A revista *Galileu*, de janeiro de 2006, tira dúvidas do leitor sobre os "hieróglifos modernos". Analise os símbolos apresentados pela revista:



a) Indique a função dos símbolos.

b) Relacione os símbolos com os hieróglifos.

c) Discuta a existência dos símbolos quanto à necessidade atual de economia e eficácia da comunicação.

Resolução do exercício:

a) Os símbolos das etiquetas de roupa servem para informar ao dono da roupa como lidar com ela: se deve passar a ferro ou não; se deve lavar com sabão em pó ou lavar a seco; se pode usar alvejante ou não, entre outras informações. Para ajudá-lo, caro aluno, reproduzo os significados desses símbolos novos.

 Lavagem forte Lavagem fraca	 Máxima temperatura de lavagem 95°C	 Máxima temperatura de lavagem 60°C	 Máxima temperatura de lavagem 40°C	 Máxima temperatura de lavagem 30°C
 Lavagem à mão	 Não lavar	 Alvejante	 Alvejante com água fria	 Não utilizar alvejante
 Passar a ferro	 Passar a ferro quente máxima temperatura 200°C	 Passar a ferro quente máxima temperatura 150°C	 Passar a ferro quente máxima temperatura 110°C	
 Não passar a ferro	 Limpeza a seco em lavanderia	 Limpeza a seco em lavanderia com qualquer solvente	 Limpeza a seco em lavanderia com solvente específico	
 Não limpar a seco	 Limpeza a seco em lavanderia com solvente específico	 Secar estendido	 Secar na corda da roupa	
 Secar pendurado no cabide	 Não secar em secador rotativo	 Secar	Secar em secador rotativo  a alta temperatura  a baixa temperatura	

b) A relação que pode ser feita entre os símbolos da etiqueta de roupa e os hieróglifos é que ambas as escritas usam gravuras para informar.

c) As informações sobre as roupas ampliaram-se porque a tecnologia aumentou também. Temos, agora, mais produtos, máquinas e métodos de limpeza; temos mais tipos de tecido. O sistema parecido com hieróglifo é o único modo que dá conta de passar muitas informações em um suporte tão pequeno quanto a etiqueta.

8.2 As escritas no tempo

No decorrer dos séculos, a humanidade, para poder gravar a escrita, lançou mão de diversos materiais, desde folhas até placas de chumbo. Entre esses materiais temos:

Papiro – Dividia-se com uma agulha a haste do papiro, cuja largura era a de um braço, em folhas delgadas. A folha do interior do tronco era considerada a melhor e assim sucessivamente na ordem das camadas superpostas.

Moldavam-se as diferentes espécies sobre uma mesa umedecida com água, que exercia o papel de cola. Primeiramente, colavam-se as folhas em todo o comprimento do papiro, aparando-as apenas em cada extremidade, em seguida eram colocadas transversalmente outras camadas em forma de trama. Prensava-se o conjunto, obtendo uma folha que era secada ao sol. As folhas eram reunidas colocando-se em primeiro lugar as melhores e assim sucessivamente.

O texto era escrito em colunas sobre cada folha, e cada uma destas era colada, pela extremidade, à seguinte, de forma que se obtinham fitas de papiro com até 18 metros de comprimento. Enroladas em torno de um bastonete (*umbilicus*), constituíam um rolo.

Pergaminho – Tomava-se, ordinariamente, a pele de carneiro, mas utilizavam-se apenas as películas menos rudes, situadas entre a epiderme e a carne. Escolhida a pele, ela era deixada bem limpa, afinada com uma navalha, tirava-se a gordura e era polida para eliminar pelos, manchas e rugosidades. Como o papiro, o pergaminho era escrito de um lado só, até que se descobriu que as duas faces poderiam ser utilizadas.

O rolo de papiro e o de pergaminho mantiveram-se até o século 300 d.C., quando apareceu o códex – já com o aproveitamento das duas faces do pergaminho –, grupo de folhas de pergaminho manuscritas, unidas em uma espécie de livro, por cordões e/ou costura e encadernação de placas de madeira com pedras preciosas. Apenas nos séculos XIV e XV a encadernação passou a ser de couro.

Papel – Aproximadamente 105 a.C., o papel foi inventado na China. Só a partir de 1450 d.C. ele passou a ser produzido no Ocidente.

A matéria-prima para produzir papel era, no início, originada de trapos de seda, de linho e de algodão. O processo de produção compreendia moinho acionado por força hidráulica. A roda punha em

movimento alguns pesados pilões que fragmentavam as matérias-primas e as reduziam a um mingau claro – a pasta de papel –, que era derrubado numa cuba. Nessa cuba era mergulhada uma fôrma de latão, que recolhia certa quantidade de pasta.

Depois de seca, essa pasta era transformada em folha de papel. Eliminava-se o excesso de água e acrescentava-se um pouco de cola para que o papel ficasse firme para receber a escrita.

Em 1798, um francês inventou a primeira máquina de fazer papel, com pouca relação com as máquinas modernas. A fabricação moderna usa a madeira como fonte e abrange três aspectos: a celulose, cuja fonte mais rica é o pinheiro; a transformação da celulose em pasta de papel, com produto químico ou por máquina; e a transformação da pasta de papel no papel propriamente dito, quando a pasta é mergulhada em água e recebe cola para impermeabilização.

-----EXERCÍCIOS-----

1. Compare o papiro ou o pergaminho com determinadas cartas de fãs para seus ídolos.
2. Um desafio interessante: apresente uma pesquisa, cujo resultado esteja no formato de um pergaminho. Pode-se pesquisar, por exemplo, a história da caneta (caneta de junco, caneta de pena de ganso, caneta com bico de aço, caneta esferográfica).

Resolução dos exercícios:

1. Você, provavelmente, já viu cartas imensas escritas por fãs para seus ídolos. Eles colam a ponta de uma folha na outra e a tira dessas folhas de papel é enrolada em formato de pergaminho.

2. Mesmo que você não tenha elaborado um material que lembre o formato de um pergaminho para apresentar sua pesquisa, terá sido interessante saber mais sobre a história da caneta, se você escolheu o tema que sugerimos, ou sobre outro assunto qualquer de sua preferência.

Independentemente do material (papiro, pergaminho, papel) em que a escrita é gravada, o texto escrito à mão recebe a designação de manuscrito. Assim, são considerados manuscritos todas as inscrições feitas de próprio punho pelo autor, seja em papel, pedra, marfim, bronze, mármore ou outro material.

A era dos manuscritos é, sem dúvida, a Idade Média. Entre os séculos V e XV, que vai dos primeiros conventos até a invenção da imprensa por Gutenberg, os monges copiavam textos. Ocorria também o fato de um mesmo texto ser copiado por vários monges.

Ao terminar a cópia, o monge acrescentava algumas linhas – a isso se dá o nome de subscrição, colofão, nota final –, em que fazia referência à obra e fornecia indicações sobre a autoria, a transcrição, a impressão, o lugar e a data de feitura e, às vezes, até fazia um comentário. Um copista do século XII escreveu em seu colofão:

Se não sabem o que é o ato de escrever, podem pensar que não é uma coisa especialmente difícil... Deixem-me dizer que é uma tarefa árdua: estraga sua visão, entorta sua coluna, espreme seu estômago e suas costelas, belisca sua lombar e faz seu corpo todo doer...

Para esse copista, o ato de escrever envolvia tanta atividade física quanto a de outros trabalhos pesados, e essa atividade não podia ser prontamente recompensada pelo seu conteúdo espiritual e imaterial. Além disso, o instrumento que usava, a caneta de pena de ganso, também precisava de manutenção regular – remodelar sua ponta com uma faca – e a tinta tinha de ser carregada constantemente. Esse instrumento de escrita, tão simples, pode ter aumentado ainda mais a percepção do copista quanto à inegável materialidade da escrita.

Dica: Assista ao filme *O nome da rosa*, baseado na obra de Umberto Eco, escritor italiano contemporâneo, que criou uma história ocorrida no início do século XIII em um mosteiro. Observe no filme os monges copistas, a biblioteca e o acesso ou não aos livros no mosteiro nesse período da história.

No Brasil Colônia também existiram monges copistas. No século XVI, os livros eram escassos; os jesuítas copiavam obras à mão para os alunos estudarem e solicitavam pedidos de remessas. Os livros mais procurados eram os religiosos: manuais de confissão, catecismo, sobre a vida de santos, entre outros, e os clássicos literários com trechos (inconvenientemente) expurgados.

Havia também circulação de livros pouco ortodoxos. Por exemplo, em 1574, em Ilhéus, o italiano Rafael Olivi tinha uma "livraria" de 27 volumes que fugiam dos padrões. Entre eles, livros de sorte e obras proibidas como *Diana*, de Jorge Montemor, e *Metamorfose*, de Ovídio.

No século XVII, o panorama não se alterou muito, continuando em alta as obras religiosas. Entre 1578 e 1700, existiam cerca de 55 títulos, em sua maior parte obras devocionais, sendo a Bíblia, acredite, praticamente ignorada, uma vez que havia sido proibida pela Igreja em 1564 com o propósito de manter o acesso às palavras sagradas restrito ao clérigo para evitar interpretações heterodoxas.

Além da Bíblia, relatos sobre a população e as riquezas do território brasileiro eram igualmente proibidos por serem considerados sigilosos – informações estratégicas para o exercício da função do governo português. Com relação aos livros proibidos, eram mantidos em estantes fechadas com chave e com rede de arame para não serem vistos nem lidos por pessoas não autorizadas pela Coroa. O desembargador Tomé Joaquim Gonzaga, no Rio de Janeiro, gabou-se em público de possuir um livro proibido e foi denunciado à Inquisição em 1778.

De forma geral, as bibliotecas particulares eram espaço de obediência à censura estabelecida entre o Santo Ofício, o Desembargo do Paço e o Ordinário Eclesiástico, respectivamente, as autoridades inquisitorial, real e episcopal, mas também de contestação, pois desde o século XVI era possível adquirir obra proibida. Na Colônia, livros e jornais eram facilmente contrabandeados.

EXERCÍCIOS

1. A proposta consiste na leitura do texto a seguir, de Dias Gomes, verificando:

- a) A censura de livro no Brasil Colônia.
- b) A relação entre leitura/alfabetização e a mulher.

O santo inquérito

Visitador – (lendo) Por mercê de Deus e por delegação do Inquisidor-mor em estes reinos e senhorios de Portugal, eu, Visitador do Santo Ofício, a todos faço saber que, num prazo de quinze dias, devem os culpados de heresia ou que souberem que outrem o está, vir declarar a verdade. Os que assim procederem, ficarão isentos das penas de morte, cárcere perpétuo, desterro e confisco. E para que as sobreditas cousas venham à notícia de todos e delas não possam alegar ignorância, mando passar a presente carta para ser lida e publicada neste lugar e em todas as igrejas desta cidade e uma légua em roda. Dada na cidade da Paraíba, aos dezoito do mês de julho, do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1750.

(...)

Notário – (Entra com a pilha de livros. Como se encontrasse uma bomba.) Livros!

Branca – Meus livros! São meus! Que vai fazer com eles?

Visitador – Sabe ler?

Branca – Sei.

Visitador – Por quê?

Branca – Para poder ler.

Visitador – Mau.

Branca – Não são livros de religião, são romances, poesias...

Notário – *Amadis de Gaula*! (Passa o livro ao Visitador)

Visitador – *Amadis*!

Branca – Estórias de cavalaria. Me emocionam muito.

Notário – *Metamorfoses*. (Passa o livro ao Visitador)

Visitador – Ovídio. Mitologia. Paganismo.

Notário – *Eufrósina*. (Repete o jogo)

Visitador – Também!

Notário – E uma *Bíblia* – em português!

Visitador – Em português!?

Branca – Foi meu noivo quem me trouxe de Lisboa. Vejam que tem uma dedicatória dele para mim.

Visitador – Estou vendo...

Branca – Fiquei muito contente porque, como não sei ler latim, pude ler a Bíblia toda e já o fiz várias vezes.

Visitador – (Entrega os livros ao Notário.) Todos esses livros são reprovados pela Igreja; vamos levá-los.

Branca – Também a Bíblia?!

Notário – Em linguagem vernácula!

Branca – Mas é a Bíblia!

Visitador – Em linguagem vernácula.³⁹

2. Enigma: O que estes livros têm em comum?

- *Bíblia*
- *Metamorfoses*, de Ovídio
- *Os versos satânicos*, de Salman Rushdie
- *Harry Potter*, de J. K. Rowling

Para encerrar o tema **escrita** e suas repercussões no tempo, vamos agora tratar do tipo mais recente: o hipertexto.

Hipertexto é uma escrita sem começo, meio e fim previamente estabelecidos. Caracteriza-se pela não linearidade e pela interatividade, que possibilitam ao leitor começar a ler de qualquer ponto.

A passagem de um nó (*link*) a outro ocorre de forma não linear, devido ao conjunto de nós (elementos) de informação disponível, que se constitui em parágrafos, páginas, imagens, palavras, e à ligação entre esses nós, por meio de notas, referências, indicadores e botões.

O hipertexto tem, enfim, princípios de:

- metamorfose: o hipertexto está constantemente em construção, extensão, recomposição, sendo redesenhado.
- heterogeneidade: o hipertexto tem conexões, sons, imagens, palavras.
- multiplicidade: qualquer nó ou conexão pode se revelar por ser composto por rede.

Com as incontáveis informações sobre tudo quanto é tema e fonte, o leitor precisa definir bem o objetivo de sua leitura, pois será ele que o conduzirá e levará a selecionar e avaliar o hipertexto. O recorte temático, a seleção de informação e sua sequência fazem o texto, resultado da interação do leitor com a nova escrita.

Na escrita hipertextual, *e-mails* e *chats* são o espaço de proliferação hieroglífica pós-moderna, conforme o estudioso Henriques. Não são mais suficientes as abreviações de palavras (ñ para não, p/ em

³⁹ Gomes, Dias. *O santo inquérito*. 22. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

lugar de para, tb para também etc.), nem a supressão dos acentos e sinais de pontuação. As pessoas que escrevem no meio virtual inovam os símbolos da comunicação e transformam os símbolos gráficos em novos hieróglifos, como:

- #-) símbolo usado para dizer que está feliz e com os cabelos em pé.
- ;-) símbolo usado para dizer que algo não deve ser levado a sério.
- <:^) símbolo usado para significar palhaço. O "<" é o chapéu e o "^" o nariz do palhaço.

8.3 Produção criativa

A nossa leitura e produção de textos não se restringem a textos informativos, técnicos, científicos, cuja função primordial é informar e/ou defender uma tese. Nós lemos textos de outras naturezas; gostamos de música e memorizamos as letras mais significativas para nós; assistimos a filmes, novelas, séries e acompanhamos histórias divertidas, dramáticas, de ação, de suspense etc., a fim de atender a necessidade atávica que possuímos; lemos contos, poemas (e os mais talentosos criam poemas), histórias em quadrinhos; inventamos piadas; somos influenciados por anúncios publicitários benfeitos e criativos.

Enfim, o nosso mundo se enriquece com tanta variedade de textos! Apesar de diversos, esses textos têm algo em comum: a estética. A estética "envolve o abandono do conceito para dar lugar à força imaginativa e à sensibilidade" (Herman, 2005, p. 35).

Saiba mais

A palavra estética é de origem grega – *aisthesis*, *aistheton* – e significa sensação, sensibilidade, percepção ou conhecimento pelos sentidos. A partir do século XVIII, estética passa a ser uma disciplina filosófica, ao lado da lógica, da metafísica e da ética.

A estética da sensibilidade representa a expressão do tempo contemporâneo e vem substituir a repetição e a padronização. Estimula a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado⁴⁰ e a afetividade, para facilitar a constituição da identidade, para a pessoa ser capaz de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o diferente e o imprevisível.

A estética da sensibilidade facilita o reconhecimento e a valoração da diversidade cultural – gêneros, etnias, regiões, grupos sociais. Nesse sentido, ela não se dissocia das dimensões éticas e políticas, uma vez que deseja promover a crítica à vulgarização da pessoa, às formas estereotipadas e reducionistas de expressar a realidade, às manifestações que banalizam e brutalizam as relações pessoais.

⁴⁰ Nesse sentido, a criatividade, o espírito inventivo e a curiosidade são elementos essenciais, tanto para a leitura e a produção de textos estéticos (literários, piadas etc.) quanto para a de textos científicos.

Abordar a estética é relacioná-la com a consciência transpessoal: intuição, sensibilidade, criatividade e potencialidades, a fonte mesma da realidade da pessoa. O crescimento criativo, até o momento, raramente foi reconhecido como objetivo de educação, aprendizado. Cinco operações mentais já foram classificadas em nível de importância pela nossa sociedade, resultando:

Operação mental	Funções	%
Cognitivo	Reconhecer, perceber, ser cômico de, travar conhecimento, familiarizar-se etc.	70,7%
Convergente	Seguir normas comportamentais, atitude correta, solução correta etc.	18,7%
Memória	Lembrar-se, adquirir conhecimento distinto, aprender completamente.	5,3%
Avaliativo	Desenvolver pensamento crítico, avaliar, selecionar, comparar, julgar, decidir etc.	3,6%
Divergente	Desenvolver pensamento independente, construtivo, criativo, liberal etc.	1,7%

Esse resultado é discutido, hoje, porque os valores estão mudando. Se antes, no mercado de trabalho, o candidato ideal era aquele com o pensamento convergente mais desenvolvido, as empresas esperam, agora, uma pessoa que seja flexível e consiga resolver problemas. Em outras palavras, a pessoa que tenha, também, o pensamento divergente desenvolvido.

É na operação mental divergente que se encontra a criatividade. Esta, para Kneller (1973), abrange capacidades como a de resolver problemas, consiste grandemente em reorganizar o que se sabe, a fim de achar o que não se sabe, para pensar criativamente, passando a olhar de maneira nova o que normalmente se considera assentado.

O paradoxo da criatividade é que, para pensar com originalidade, é preciso se familiarizar com as ideias já existentes. O pensamento criativo é considerado como um processo de perceber lacunas ou elementos faltantes perturbadores nas ideias alheias.

Segundo Kneller, uma pessoa criativa possui algumas das seguintes características:

1. **Inteligência:** a pessoa tem capacidade mental de raciocinar, planejar, resolver problemas, aprender, abstrair, compreender ideias.
2. **Consciência:** no sentido de estar informada e cômica. A pessoa criativa é mais sensível do que o comum ao seu meio e observa coisas que outros deixam escapar, como cores, texturas, reações pessoais, pormenores de noticiário e assim por diante.
3. **Fluência:** a pessoa produz mais ideias do que uma pessoa comum sobre determinado assunto.

4. **Flexibilidade:** a pessoa criativa é flexível, tentando variadas abordagens.
5. **Originalidade:** é um traço que abrange capacidades como a de produzir ideias raras, resolver problemas, usar coisas ou situações de modo não costumeiro.
6. **Elaboração:** a pessoa criativa não apenas tem ideias, mas as segue.
7. **Ceticismo:** a pessoa criativa tende a ser mais cética em face das ideias aceitas e menos perspicaz diante das novas. Sua credulidade em relação a novas ideias a predispõe aos riscos intelectuais da descoberta.
8. **Persistência:** a criatividade exige persistência, uma vez que tem de ser sustentada por longos períodos de tempo e de enfrentamento de obstáculos.
9. **Humor:** capacidade de reagir espontaneamente à discordância de sentido ou implicação.
10. **Inconformismo:** a pessoa criativa é aberta à experiência, tem ideias originais e é afinada com as ideias dos outros, a fim de não perder contato com o pensamento da sociedade.
11. **Autoconfiança:** a pessoa tem confiança no valor de seu trabalho e é dotada de inabalável fé, não naquilo que fez, mas no que pode, com tempo e sorte, realizar.

Ainda segundo Kneller (1973), cinco fases são reconhecidas no processo criador: primeira apreensão, preparação, incubação, iluminação e verificação. Os processos são complexos e entremeados uns nos outros, de forma que não é possível separá-los em uma simples sequência. O processo criativo se passa durante um período de tempo, o que justifica as fases.

Primeira apreensão – Em geral, o momento da criação ocorre somente depois de demorada preparação consciente. Antes, porém, nasce o germe da criação. O criador tem de ter o seu primeiro *insight*, que é a apreensão de uma ideia a ser realizada ou de um problema a ser resolvido.

Preparação – Essa fase constitui rigorosa investigação das potencialidades da ideia original. O criador lê, anota, discute, indaga, coleciona, explora. Propõe possíveis soluções e pondera suas forças e fraquezas. Nesse sentido, para pensar com criatividade, o criador precisa familiarizar-se com ideias alheias. Assim, o criador tanto pode sentir-se impedido devido aos êxitos e malogros alheios quanto ansiar por exceder o outro.

A apreensão original dá direção e propósito à exploração do criador, ainda que aquela visão original possa transformar-se completamente durante o processo exploratório. O processo de preparação deve ser apenas um meio para atingir – como fim – o lançamento da obra de criação própria e, também, deve seguir ou acompanhar a efetiva preparação no meio criador, requerendo, por exemplo, a técnica. O criador deve dominar os meios de exprimir sua ideia criadora, submetendo-se à disciplina de sua arte.

Incubação – Depois de o consciente realizar sua tarefa, o inconsciente entra em ação e, sem limites, desimpedido pelo intelecto literal, faz as inesperadas conexões que constituem a essência da criação.

O período de incubação pode ser longo ou curto, mas deve existir. Esse período pode ser arriscado e desanimador, a ponto de o criador perder de vista completamente o seu alvo.

Iluminação – O momento da iluminação leva o processo de criação a um clímax. De repente o criador percebe a solução de seu problema. Além de imprevisível, a inspiração é também aparentemente autocertificável, pois a pessoa criadora se acha convencida da correção de sua intuição antes de verificá-la logicamente. Ainda mais, a inspiração é uma das mais intensas alegrias que o homem conhece. Ao firmar a visão que durante tanto tempo lhe fugiu, o criador é consumido pela exaltação. De fato, a inspiração é de tal modo súbita e todo-poderosa, que o criador pode até acreditar que ele detém um poder maior do que ele tem mesmo.

A inspiração, na verdade, é fruto de uma intensa concentração exigida pelo pensamento criador.

Verificação – A última fase consiste na verificação ou revisão do processo criador. O intelecto e o julgamento têm de terminar a obra que a imaginação iniciou. O criador precisa distinguir o que é válido do que não é, pois a iluminação é notoriamente falível.

Após se identificar emocionalmente com sua obra no momento da iluminação, o criador agora recua e imagina as reações daqueles com quem intenta comunicar-se. Antes de terminar sua obra, poderá ele solicitar crítica.

Tentativas de verificação podem levar a novas intuições, mesmo de natureza inteiramente diversa. A última versão de um poema, por exemplo, talvez contenha apenas uma ou duas frases da inspiração original, pois no curso da revisão o poeta encontrou intuições outras e até ultrapassou sua primeira concepção.

Em suma, o ciclo criador parece contar com cinco fases que, apesar de logicamente separadas, só raramente se mostram muito distintas na experiência. Primeiro há um impulso para criar⁴¹. Segue-se a este um período, frequentemente demorado, em que o criador recolhe o material e investiga diferentes métodos de trabalhá-lo. Vem a seguir um tempo de incubação, no qual a obra criadora procede inconscientemente. Então surge o momento da iluminação, e o inconsciente anuncia, de súbito, os resultados de sua luta. Há, por fim, um processo de revisão, em que os dados (do problema) da inspiração são conscientemente elaborados, alterados e corrigidos.

A criatividade é inerente a todos os seres humanos e pode ser desenvolvida com a prática. Vejamos, por exemplo, o caso da redação que, supostamente, foi feita por uma aluna da UFPE e circula pela internet. A redação é criativa porque a aluna conhece muito bem o assunto tratado, que é a gramática da língua portuguesa.

⁴¹ Neste ponto, reforço que a criação pode ser um poema, uma pintura, uma letra de música, textos artísticos, porém, toda produção exige o processo criador: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), tese de doutorado, a construção de um prédio em local inusitado e qualquer outro que envolva pesquisa, ideia nova.

Era a terceira vez que aquele substantivo e aquele artigo se encontravam no elevador. Um substantivo masculino, com um aspecto plural, com alguns anos bem vividos pelas preposições da vida. E o artigo era bem definido, feminino, singular: era ainda novinha, mas com um maravilhoso predicado nominal. Era ingênua, silábica, um pouco átona até; ao contrário dele: um sujeito oculto, com todos os vícios de linguagem, fanático por leituras e filmes ortográficos. O artigo feminino deixou as reticências de lado e permitiu esse pequeno índice. De repente, o elevador pára, só com os dois lá dentro: "Ótimo", pensou o substantivo, "mais um bom motivo para provocar alguns sinônimos".

Pouco tempo depois, já estavam bem entre parênteses, quando o elevador recomeça a se movimentar. Só que em vez de descer, sobe e pára justamente no andar do substantivo. Ele usou de toda a sua flexão verbal e entrou com ela em seu apostro. Ligou o fonema, e ficaram alguns instantes em silêncio, ouvindo uma fonética clássica, bem suave e gostosa. Prepararam uma sintaxe dupla para ele e um hiato com gelo para ela.

Ficaram conversando, sentados num vocativo, quando ele começou outra vez a se insinuar. Ela foi deixando, ele foi usando seu forte adjunto adverbial, e rapidamente chegaram a um imperativo. Todos os vocábulos diziam que iam terminar num transitivo direto.

Começaram a se aproximar, ela tremendo de vocabulário, e ele sentindo seu ditongo crescente. Se abraçaram numa pontuação tão minúscula, que nem um período simples passaria entre os dois. Estavam nessa ênclise quando ela confessou que ainda era vírgula. Ele não perdeu o ritmo e sugeriu uma ou outra soletrada em seu apóstrofo. É claro que ela se deixou levar por essas palavras, estava totalmente oxitona às vontades dele, e foram para o comum de dois gêneros. Ela totalmente voz passiva, ele voz ativa.

Entre beijos, carícias, parônimos e substantivos, ele foi avançando cada vez mais. Ficaram uns minutos nessa próclise, e ele, com todo o seu predicativo do objeto, ia tomando conta.

Estavam na posição de primeira e segunda pessoas do singular: ela era um perfeito agente da passiva, ele todo paroxítono, sentindo o pronome do seu grande travessão forçando aquele hífen ainda singular. Nisso, a porta abriu repentinamente. Era o verbo auxiliar do edifício! Ele tinha percebido tudo, e entrou dando conjunções e adjetivos nos dois, que se encolheram gramaticalmente, cheios de preposições, locuções e exclamativas. Mas ao ver aquele corpo jovem numa acentuação tônica, ou melhor, subtônica, o verbo auxiliar diminuiu seus advérbios e declarou o seu participípio na história. Os dois se olharam e viram que isso era melhor do que uma metáfora por todo o edifício. O verbo auxiliar se entusiasmou e mostrou o seu adjunto adnominal.

Que loucura, minha gente! Aquilo não era nem comparativo: era um superlativo absoluto. Foi se aproximando dos dois, com aquela coisa maiúscula, com aquele predicativo do sujeito apontado para seus objetos. Foi chegando cada vez mais perto, comparando o ditongo do

substantivo ao seu tritongo, propondo claramente uma mesóclise-a-trois. Só que as condições eram estas: enquanto abusava de um ditongo nasal, penetraria o gerúndio do substantivo e culminaria com um complemento verbal no artigo feminino.

O substantivo, vendo que poderia se transformar num artigo indefinido depois dessa, pensando em seu infinitivo, resolveu colocar um ponto final na história: agarrou o verbo auxiliar pelo seu conectivo, jogou-o pela janela e voltou ao seu trema, cada vez mais fiel à língua portuguesa, com o artigo feminino colocado em conjunção coordenativa conclusiva.

Lembra-se, caro aluno, da letra da música *Tropicana*, de Alceu Valença e Vicente Barreto? É outro texto que podemos considerar criativo. Transcrevo a letra:

Da manga rosa quero gosto e o sumo
Melão maduro, sapoti joá
Jabuticaba teu olhar noturno
Beijo travoso de umbú cajá
Pele macia é carne de caju
Saliva doce, doce mel de urucu
Linda morena, fruta de vez temporana
Caldo de cana caiana
Vem me desfrutar
Linda morena
Fruta de vez temporana
Caldo de cana caiana
Vou te desfrutar
Morena Tropicana
Eu quero teu sabor
Ai, ai, ioiô, ioiô...

Os autores fazem a descrição de uma mulher. Eles poderiam seguir o padrão e escrever que a mulher é morena, tem cabelos negros; que ela beija bem (ou gostoso), tem pele macia. No entanto, eles fugiram dessa descrição repetida e sem novidade e criaram um texto criativo ao descrever a mulher através do sentido do paladar. Mesmo quando falam da "pele macia", ela é associada, de forma não usual, à "carne de caju".

-----EXERCÍCIOS-----

Para você sentir o gostinho de produzir de forma criativa, faça as atividades seguintes na ordem em que elas se apresentam.

1. Exercício de desbloqueio da criatividade: Para cada um dos pares dados, elabore uma lista (o mais longa possível) de tudo o que existe em comum entre eles:

- um relógio e um avião:

- um livro e uma casa

- um cachorro e uma lâmpada

- uma pasta de dentes e um lápis

- uma carta e o hino nacional

- um país e um escritório

2. Pergunta-resposta: A resposta deve ser completa, contendo a própria pergunta.

- De que cor é a festa? R: A cor da festa é.....
- De que cor é a felicidade?
- Como cheira a lembrança?
- Como cheira a cor verde?
- Como soa um amendoim aberto ao comê-lo?
- Qual o sabor do vermelho?
- Qual a temperatura do marrom?
- Qual a sensação tátil do prazer?
- Qual o sabor do mármore?
- Qual o barulho de uma estrela cadente?

3. Produção: a partir das respostas do exercício II, formar um poema de 14 versos, podendo acrescentar palavras.

Resolução dos exercícios:

Não existe resposta padrão para as atividades acima sobre criatividade.

1. O exercício 1 tem a função de desbloquear sua criatividade e é uma demonstração de que você tem pensamentos flexíveis ao relacionar seres tão díspares. Você pode ter elencado, por exemplo:

- relógio e avião: são mecânicos, em sua composição são usados materiais duros, lidam com o tempo, são úteis etc.

- livro e casa: contam uma história, podem ser abertos, têm donos, são criações do homem etc.
- cachorro e lâmpada: ajudam a achar o caminho, guiam etc.
- pasta de dentes e lápis: têm fim, têm formato parecido (retangular), têm conteúdo, têm cheiro etc.
- carta e hino nacional: são textos, são organizados, têm um destinatário, têm informação etc.
- país e escritório: têm organização, têm hierarquia, têm jogo de poder, têm deveres e direitos etc.

2. A resposta da segunda atividade é muito mais imprevisível. Será que ao completar a primeira frase, por exemplo, assim: "a cor da festa é amarela e preta", nós dois estaríamos tendo a mesma ideia? A possibilidade de você completar a frase com as mesmas palavras "amarela e preta" existe, mas será que você escreveu isso?

Já perguntas do tipo: "Como cheira a cor verde?" e "Qual o sabor do vermelho?" podem exigir mais ou menos da pessoa, porque ela pode responder com ideias comuns como, respectivamente, "maçã, natureza" e "morango", ou pode ser mais criativo e inventar respostas verdadeiramente surpreendentes.

3. Se você seguiu os passos para responder à pergunta 2, construiu um poema com 14 versos. Poema com esse número de versos é chamado de soneto. Fez? Parabéns, Camões! Como foi o processo? Tirou palavras e/ou acrescentou? Mudou a ordem das respostas? O poema seguiu um tema (sobre a festa ou a noite anterior etc.)? Talvez haja no seu texto sinestesia, aquela figura de linguagem em que se dá o cruzamento de sensações; associação de palavras ou expressões em que acontece a combinação de sensações diferentes numa só impressão. Em suma, sinestesia é a transferência de uma sensação sugerida por um sentido para outro sentido. Veja estes dois exemplos: marrom quente (cor = visão; quente = tato); dirigiu-lhe uma palavra branca e fria como agradecimento.

Já ressaltei que a criatividade não é um fenômeno próprio do texto literário. Ela é exigida em qualquer produção nossa que requer um mínimo de originalidade.

Abaixo há duas colunas: na 1ª se encontram possíveis formas de iniciar um texto narrativo, e na 2ª, possíveis formas de iniciar um texto científico. Qual início você considera criativo em cada coluna?

1ª coluna

- Um dia, eu estava à janela...
- Num dia, quando eu cheguei ao apartamento...
- Era um dia em que cheguei...
- Ontem, quando eu cheguei...

2ª coluna

- Hoje em dia, é fundamental tratar de...
- Tratar de informática, nos dias atuais, é ...
- Atualmente, a informática...
- Falar em informática é...

O início da 1ª coluna, diferenciado do grupo, é "Ontem, quando eu cheguei...". Os outros são marcados por expressões temporais parecidas: "um dia", "num dia", "era um dia", que têm algumas implicações.

Uma delas é que o produtor tem como modelo único de início de narrativa o conto de fada, cujo início tradicional é "Era uma vez...". O produtor demonstra que não tem conhecimento de outras formas de começar o texto; que, muito provavelmente, não tem experiência em leituras de ficção (além do conto de fada ouvido ou lido na infância) nem experiência em criar textos de histórias.

Esse início tradicional do conto de fada não marca de fato um tempo determinado. O leitor nunca sabe quando e onde exatamente a história acontece. Alguns estudiosos consideram, até, que é uma marca atemporal. Quando um produtor inicia seu texto com "um dia", "num dia" ou com outra expressão semelhante, primeiro, ele não assume o tempo da narrativa, segundo, passa a impressão de que não acredita naquela história; que ela só seria possível em situação bem distante no tempo. Ou seja, o produtor não passa credibilidade ao seu leitor.

Para encerrar as implicações, podemos dizer que começar o texto com as expressões "um dia", "num dia", "era um dia" não exemplifica espírito criativo.

No caso da 2ª coluna, temos o mesmo resultado de falta de criatividade ao serem iniciados os textos com o clichê "hoje em dia", "nos dias atuais", "atualmente".

8.4 Produção acadêmica

No ambiente acadêmico, espera-se eficácia nas produções dos professores e alunos. É preciso considerar, para isso, diversos aspectos em relação ao fato de se produzir um texto escrito.

Primeiro, escrever é um processo em que se estabelece relações entre o autor e o leitor, de forma a acontecer a colaboração entre eles – produtor e leitor – em que cada um participa em razão de um objetivo.

Outro aspecto é o planejamento. O texto escrito precisa ter coerência e correção gramatical. Além disso, o produtor seleciona e organiza os conhecimentos e faz adequação da linguagem ao gênero e tipo de texto e à situação comunicativa.

A função comunicativa da linguagem pressupõe um produtor, um leitor, uma intenção e um contexto. Considerando esse aspecto, bem como a constante produção de textos informativos na universidade, faço um breve tratado sobre resumo e artigo científico.

8.4.1 Resumo

O gênero resumo é muito produzido no ambiente acadêmico e é produzido com base nas leituras de textos informativos: livros científicos, divulgação científica, revistas especializadas, dossiês, enciclopédias, documentários, vídeos e outras fontes de informação.

O primeiro passo para produzir um resumo é conhecer e saber utilizar as fontes de informação. Saber delimitar o tipo de informação procurada, distinguindo o que é tema geral no texto lido e o que são temas parciais. É preciso também saber localizar as fontes: biblioteca, hemeroteca, arquivo.

Com a fonte à disposição, o segundo passo é selecionar a informação e fazer anotações. Aplicar, então, a leitura seletiva para a obtenção da informação; comparar e/ou completar a informação sobre um mesmo tema; e fazer nota com referência bibliográfica do texto lido. A importância desse segundo passo consiste na habilidade do leitor para consulta e buscar informação diante de um objetivo concreto.

A competência na consulta de fontes requer:

- delimitar a informação buscada.
- conhecer como cada tipo de texto se organiza.
- ter habilidade na leitura seletiva.
- ter habilidade na leitura para relacionar o texto verbal com outros elementos (esquemas, figuras, gráficos etc.).
- realização de anotações.

O terceiro passo é a elaboração do texto com os materiais colhidos. A redação de cada parágrafo pode corresponder a cada um dos temas (subtemas) abordados. Se houver gráfico, figuras etc., é necessária uma explicação correspondente. O texto produzido deve conter as informações obtidas de maneira hierárquica, com prioridade para o conteúdo básico e, se for o caso, com exemplos.

Depois do texto pronto, a revisão se torna essencial para a verificação do conteúdo (dados verdadeiros), da adequação da língua (nível formal, com termos especializados), da clareza e concisão.

A intenção de se fazer um resumo é a divulgação de uma informação existente que é pouco conhecida pelos leitores.

8.4.2 Artigo científico

O artigo científico veicula a opinião sobre determinado tema, geralmente relacionado a um universo de conhecimento a ser apresentado. A política e a sociologia representam universos bastante explorados pelos artigos de jornais.

O artigo científico tem caráter opinativo e a linguagem é adequada ao perfil do público-alvo. A organização desse tipo de artigo é:

- apresentação de um título.
- nome e titulação do produto.
- breve resumo do artigo: tema, objetivo, teoria seguida, *corpus*, resultado da pesquisa.
- corpo do texto: apresentação da teoria, do objeto de pesquisa, da tese defendida e os recursos argumentativos.
- conclusão: geralmente o autor apresenta solução para o problema de pesquisa.

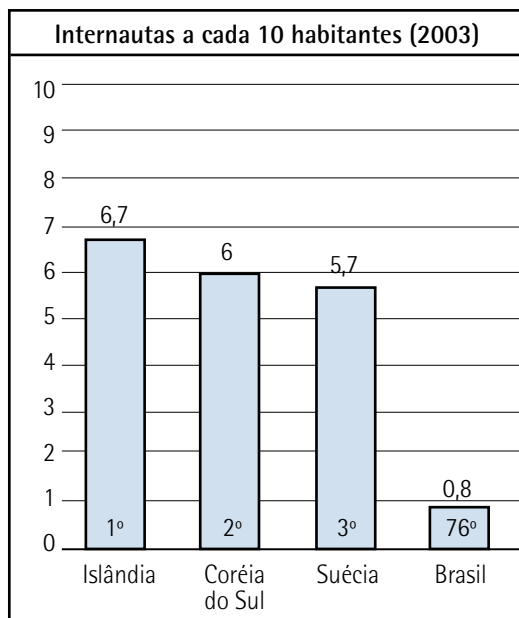
Esse gênero trata de temas variados, uma vez que as áreas do conhecimento humano são muitas.

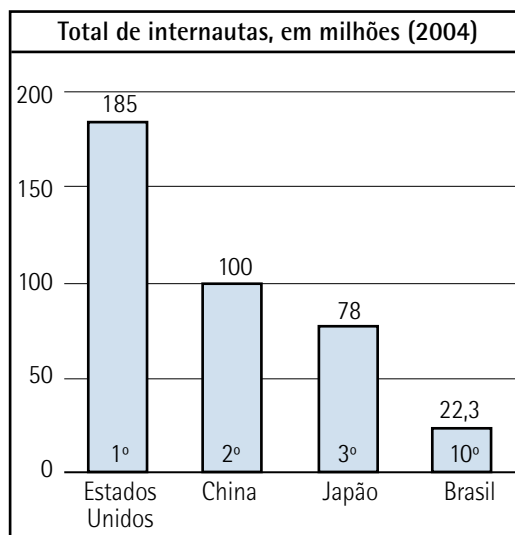
- - - - - EXERCÍCIOS - - - - -

1. A palavra artigo é polissêmica, ou seja, possui vários sentidos. Em qual das alternativas, a seguir, a palavra **artigo(s)** tem sentido de texto argumentativo?

- a) Em *ARTIGO 19*, Brasil goza de uma posição privilegiada na sociedade civil brasileira, pois funciona como uma organização local.
- b) Art. 5º Todos são iguais perante a lei.
- c) Os artigos podem fazer combinações e contrações com as preposições.
- d) O artigo deve apresentar, adequadamente, os objetivos, a metodologia utilizada e os resultados encontrados.
- e) O artigo que ele procura está exposto na vitrine.

2. Com base nos dados dos gráficos abaixo, faça um resumo interpretando-os.





Resolução dos exercícios:

1. A alternativa correta é a d). Reveja o item **3.1.3 Texto argumentativo** para rememorar o significado de texto argumentativo. Na alternativa a), a palavra artigo é o nome de uma publicação jornalística; na b), relaciona-se à lei, ao texto jurídico; na c) "artigo" faz parte do mundo da gramática: é uma subcategoria de determinante do nome que, em português, é sempre anteposto ao substantivo; na e) significa objeto.
2. No resumo, espera-se que o aluno recupere as informações dos gráficos e as transforme em linguagem verbal, ou seja, escreva um texto curto e objetivo, informando o assunto dos gráficos, o objetivo deles, os tipos de informantes e como as informações são distribuídas nos gráficos. Finalmente, o aluno escreve sobre os resultados de cada gráfico. No resumo não é necessário fazer comentários.

8.5 Dicas para produção de texto informativo

Em textos informativos, o título tem algumas características essenciais:

- precisa ativar o conhecimento do leitor sobre o assunto.
- precisa dizer do que se trata o texto.

O título, como já traz indicações sobre o texto que o segue, desperta, ou não, o interesse do leitor, abrevia o tempo deste quanto à decisão de ler ou não o texto. Exemplos de títulos:

Como funcionam os pulmões

Congresso aprova novo salário-mínimo

Para textos informativos, frases muito longas e complicadas causam dificuldade no leitor. Quando este chega ao final do parágrafo, custará a se lembrar do que leu, poderá ficar desanimado a continuar

lendo ao voltar na leitura para conseguir entender o texto. Assim, frases curtas, períodos curtos e emprego de palavras conhecidas tornam a leitura mais fácil e rápida. Segundo a dica de Assumpção e Bocchini (2002), o que ajuda a leitura rápida é quando o texto contém:

- períodos curtos (em vez de longos).
- muitos verbos e pontos finais (no lugar de muito uso das palavras **de** ou **que**).
- ordem direta (lembre-se: sujeito + verbo + complemento).
- pouca ou nenhuma intercalação (por exemplo, complemento, sujeito, verbo ou oração dentro de outra oração).
- enumeração anunciada.
- palavras curtas.
- palavras conhecidas.

Para exemplificar a diferença entre o emprego de palavras simples e o de expressões complicadas, citamos algumas:

Palavras simples	Expressões complicadas
lombada	obstáculo transversal
seca	desconforto hídrico
falta de água	indisponibilidade temporária dos serviços de saneamento

Em textos informativos, o emprego das palavras exige concisão e clareza. Uma das decisões do autor do texto pode ser substituir palavras que estão na moda por palavras comuns, que não carecem de exatidão. Por exemplo, substituir **articular**, **transparência** e **contabilizar** por, respectivamente, **organizar** (ou preparar, fazer), **honestidade** e **calcular** (ou somar).

Outro caso de emprego inadequado de palavras é a redundância. Fuja dela, caro aluno! As expressões redundantes podem e devem ser evitadas.

Redundância	Uso de expressão sem redundância
Encarar de frente	Encarar
Eixo central	Eixo
Eixo básico	Eixo
Sociedade como um todo	Sociedade
Há mil anos atrás	Mil anos atrás/ Há mil anos
Número exato	Número

Para encerrar o aspecto lexical, advertimos que em texto informativo é preferível evitar expressão estrangeira (uso do inglês, por exemplo) e utilizar termo existente no nosso idioma. Deve-se empregar um termo em outra língua apenas quando não houver um correspondente em português.

A estratégia para a eficácia do texto informativo é, portanto, respeitar a memória do nosso leitor, usar palavras simples e mais utilizadas, escrever de forma clara, sem rodeios e tornar o texto mais dinâmico. Ao escrever procuramos, então:

- colocar a informação mais importante logo no início da frase.
- usar ordem direta.
- preferir frases afirmativas.
- empregar termos claros e concisos.

-----EXERCÍCIOS-----

1. O texto bem formado é melhor entendido pelo leitor, que não precisa recorrer à "adivinhação". Segundo essa afirmação, em qual enunciado o leitor encontrará dificuldade?

- a) Não devemos adiar a solução dos problemas.
- b) O recurso contra a decisão judicial foi aceito e o réu, absolvido.
- c) Os pronomes demonstrativos e os advérbios de tempo e lugar são importantes para a unidade de um texto.
- d) O daguerreótipo esmaeceu e findou subtraído de seu brilho argênteo.
- e) Esse falso poeta é cego.

2. Em "batatinha, quando nasce, esparrama pelo chão", há a intercalação (quando nasce) entre o sujeito e o predicado. Por ser curta, ela não atrapalha a leitura. Assinale a frase em que a intercalação não é aceitável.

- a) A Globo – mesmo sendo usuária dos satélites da Embratel para a transmissão dos programas de sua rede nacional para televisão – pode disputar a compra de ações dessa empresa.
- b) Na empresa britânica St. Luke's, os funcionários – 127 atualmente – trabalham num espaço coletivo e a cada ano recebem um número fixo de ações.
- c) Mergulho livre quer dizer ir bem fundo – de 5 a 30 metros – e segurar a respiração por muito tempo.

- d) A Receita Federal, por meio da Instrução Normativa 40, aperfeiçoou sensivelmente o processo de intercâmbio cultural do Brasil com o exterior.
- e) Coisas aparentemente complicadas, como medidas para entender a vastidão do espaço cósmico, viram brincadeira de criança na mão de Martin Rees.

3. Identifique a frase que não tenha redundância:

- a) Com um sorriso nos lábios, o presidente congratulou-se com a assinatura do pacto de relações bilaterais entre Brasil e Portugal.
- b) O gerente vai ser o elo de ligação entre os vendedores e o diretor-geral.
- c) Em cooperação conjunta, funcionários e diretores tentarão levantar a empresa.
- d) Para a empresa crescer, há necessidade de fazer planos.
- e) Há cinco anos atrás, a empresa foi fundada por Roberto Gomes.

Resolução dos exercícios:

1. A alternativa em que o leitor encontrará dificuldade é a d). Palavras em desuso, ou de área específica, ou com radicais gregos e latinos causam dificuldade na leitura. Veja como ficaria a frase da alternativa d) se fosse escrita com termos atuais: A antiga imagem fotográfica sobre película de metal desbotou e foi perdendo seu brilho prateado.
2. A alternativa em que a frase intercalada é inaceitável é a a). A melhor maneira de resolver a intercalação muito longa é juntar os termos separados e construir outra frase com a intercalação. Por exemplo: A Globo pode disputar a compra de ações da Embratel, mesmo sendo grande usuária dos satélites dessa empresa para transmissão dos programas de sua rede nacional de televisão.
3. A alternativa em que não há redundância é a d). Há redundância em **sorriso nos lábios, relações bilaterais, elo de ligação, cooperação conjunta, há cinco anos atrás**.

8.6 Complemento gramatical

Toda língua possui uma estrutura, que é a sua gramática. Essa gramática costuma ser apresentada em livros chamados gramática normativa ou tradicional. Os autores dessas obras organizam os conteúdos em diferentes capítulos, usualmente organizados em diversos níveis: fonologia/fonética, morfologia e sintaxe (melhor denominada morfossintaxe), semântica e estilística.

A fonologia é parte da gramática que estuda os sons da língua quanto à sua função no sistema de comunicação linguística, quanto à sua organização e classificação. Também cuida de aspectos

relacionados à divisão silábica, à ortografia e à acentuação de palavras, de acordo com o padrão culto da língua. Estuda o aspecto fônico e tem como unidade básica de estudo o fonema.

Observe a frase: Ana desprezou Ricardo.

Para a fonologia, o vocábulo "Ana" tem a primeira vogal /a/ como uma vogal nasal por ser tônica e estar logo antes de uma consoante nasal /n/; no vocábulo "Ricardo", pronuncia-se a vogal final como /u/ e não como um /o/.

A morfologia é o nível de análise linguística que se ocupa do estudo das palavras, de sua formação, de sua classificação e de suas flexões. Estuda palavras que pertencem a grupos bem diferentes: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Observe a mesma frase: Ana desprezou Ricardo.

À morfologia interessa a constituição interna das palavras. Observamos que a palavra "desprezou" é formada por mais de um elemento: a sequência **desprez-** mais a sequência **-ou**. Desprez- aparece em outras formas, como desprezo (substantivo ou verbo), desprezível (adjetivo), desprezador (adjetivo ou substantivo) etc., e **-ou** ocorre em outras formas verbais, como amou, desmanchou etc.

A sintaxe é o estudo das combinações e relações entre as palavras de um enunciado e entre as frases de um texto. A morfossintaxe é a parte central da gramática pura: é estudada em dois domínios: a morfologia e a sintaxe.

Observe a frase: Ana desprezou Ricardo.

A sintaxe associa as palavras para formar frases. Existe uma regra pela qual a terminação de "desprezou" depende do elemento que se coloca antes do verbo, que no caso é Ana. Notamos que o elemento que governa a forma "desprezou" ocorre em primeiro lugar na frase, e que modificações no último elemento (Ricardo) não afetam a forma do verbo.

A semântica é definida, de maneira genérica, como o estudo do sentido das palavras e dos enunciados. Só atingimos o sentido dos enunciados linguísticos, em qualquer contexto, por meio de um exercício de interpretação, a partir do qual os possíveis significados das palavras e de suas combinações são avaliados em situações específicas, na busca daquele que melhor se ajusta ao contexto de enunciação.

Observe a frase: Ana desprezou Ricardo.

A semântica leva em conta o significado transmitido na frase. O termo Ana provavelmente designa uma mulher, e Ricardo um homem; que a pessoa desprezada é Ricardo, e não Ana; que o fato de Ana desprezar Ricardo aconteceu no passado, e assim por diante.



O enunciado "Gol. Os argentinos merecem" dá uma impressão, no mínimo, estranha, dúbia, principalmente se considerarmos que, tradicionalmente, a rivalidade entre Brasil e Argentina no futebol não admitiria a ideia de julgarmos a seleção rival merecedora de um gol. Ao contrário, ao ler a frase, a probabilidade de interpretá-la como "os argentinos merecem levar gol" é maior. No entanto, essa primeira impressão é imediatamente desfeita ao situarmos a palavra "gol" no contexto apresentado, atribuindo-lhe o sentido de empresa aérea.

Essa gramática serve como norteador para a produção de textos escritos e orais mais formais, que exigem a norma culta. No entanto, muitas vezes a explicação de uma regra não se encontra no livro de gramática, mas em outro contexto. Leia o texto a seguir.

Você, tu e o senhor

Confusão de tratamento faz parte dos usos e costumes nacionais.

No calor de Manaus, ao embalo tropical da cerimônia que, na semana passada, reuniu os países amazônicos para discutir a Rio 92, produziu-se um diálogo digno de nota. Um repórter da *Folha de S. Paulo* aproximou-se do presidente Fernando Collor e perguntou:

– Os jornais estão dizendo que você vai tirar férias. É verdade?

Respondeu o presidente, levantando os braços e num tom de voz elevado, segundo descrição da *Folha*:

– Você é estrebaria.

Você é estrebaria? Na verdade, Collor não disse isso. "Você é estrebaria", segundo a Estilística da língua portuguesa, do professor Rodrigues Lapa, é a resposta irada que se dá ao "você" em certas regiões de Portugal onde esse tratamento é considerado ofensivo. O presidente foi

direto a um palavrão: "Você é o..." Como esta revista não é novela das 8, prefere-se o pudor das reticências à crueza da expressão original.



Em matéria de más maneiras, difícil dizer quem ganha, se o repórter ou o presidente. Ambos se inserem no clima nacional de zorra de acordo com o qual telefonistas chamam os interlocutores de "meu bem", caixas de banco dirigem-se aos clientes como "meu filho" e o palavrão tem circulação tão irrestrita que acabou consagrado na televisão.

Não há justificativa nem para o repórter nem para o presidente. Diga-se apenas, sem querer desculpar ninguém, que a questão do tratamento, origem do quiproquó de Manaus, é tão mal resolvida no Brasil que virou fonte de angústia. "Como vou chamá-lo, de você ou senhor?" Essa é uma dúvida que pode se apresentar de forma tão aflitiva quanto a do ser ou não ser para o príncipe Hamlet. Já que "o senhor" pode ficar excessivamente formal e o "você" abusivamente íntimo, uma das saídas é habilitar-se na técnica de levar toda uma conversa sem usar nem um nem outro, driblando-os com circunlóquios ou, quando não ter mais, com grunhidos inaudíveis.

Em outras línguas o problema não se coloca. É até covardia invocar o inglês, que faz tábula rasa das distinções de idade, hierarquia ou círculo excelso do panteão social em que a pessoa esteja empoleirada em favor de um universal e equânime *you*. Pegue-se uma língua mais próxima do português, porque da mesma origem latina, como o francês. Lá existe o *vous*, literalmente "vós", mas equivalente ao "senhor", e o *tu*, próximo ao "você". Só que está perfeitamente claro que as pessoas devem se tratar por *vous*. O *tu* só em caso de verdadeira intimidade, dentro da família ou entre colegas.

A ninguém, nem com a mente avariada pelo sol de Manaus, ocorrerá chamar o presidente senão por *vous*. Mas há um detalhe importante no francês: o presidente, reciprocamente, também tratará o interlocutor por *vous*. É *vous* na ida e na volta. Não se fale nem de jornalistas, tome-se o exemplo do motorista do presidente da França. Ele cumprimentará o presidente dizendo: "*Comment allez-vous, monsieur le président?*", o que equivale em português a "Como vai o senhor?" O presidente responderá: "*Bien, et vous, monsieur Dupont?*" Bem, e o senhor?



Um aspecto perverso, na confusão de tratamento no Brasil, é que, além das questões de idade e hierarquia, os pronomes são utilizados para acentuar diferenças de classe. O motorista, aqui, também dirá a seu patrão: "Como vai o senhor?" Mas a resposta mais provável será: "Bem, e você, Zé?" O motorista é, por natureza, "você", assim como a empregada doméstica, o garçom e o porteiro. "Você" aponta de cima para baixo, no abismo social. "O senhor" de baixo para cima, assim como o "doutor", essa suprema

forma de premiar os méritos de um brasileiro dos bons, desses excelentíssimos e reverendíssimos.

São hábitos que deitam raízes na sociedade de escravos e senhores que fomos. Quando era criança, Brás Cubas, o personagem das *Memórias póstumas*, de Machado de Assis, gostava de maltratar seu escravo Prudêncio montando-lhe em cima e aplicando-lhe chicotadas, como a um cavalo. Prudêncio murmurava: "Ai, nhonhô!", uma maneira familiar de dizer "senhor". Brás Cubas respondia: "Cala a boca, besta".

Não há dúvida de que o presidente tem que ser chamado de "o senhor", mas muito mais gente merece também um tratamento respeitoso. Não é questão de ser formal nem pernóstico, acusações de que o brasileiro foge mais do que das de "safado" ou "ladrão". É questão de suavizar, pelo menos na linguagem, as diferenças entre as pessoas. Em nome do mesmo respeito, da próxima vez que for chamado de "você", roga-se ao presidente que deixe de reagir com um palavrão. Ele poderia dizer, como os gentis portugueses: "Você é estrebaria".³⁵

O artigo jornalístico de Pompeu alerta para a consciência que devemos ter sobre o uso da língua. Conhecer as regras da gramática não significa saber de fato em que situação um elemento da língua pode ou deve ser usado e com que finalidade. Nós precisamos ficar mais atentos ao efeito de sentido.

Quando escrevemos ou falamos, usamos a língua portuguesa. Nós somos usuários de uma língua. A língua não faz parte da natureza, como aquela árvore que você pode visualizar a distância ou a brisa que sente agora no rosto e sobre as quais não temos controle. A língua é um fenômeno social, e, quando recorremos a ela para falar ou escrever, nós assumimos uma responsabilidade.

O uso que fazemos da língua constitui-se uma manifestação e intervenção social e, desse modo, acarreta a responsabilidade ética do usuário. A ética, por sua vez, envolve escolhas e escalas de valores que moldam a representação de mundo de quem escreve ou fala. Nós – ao usar a língua – expressamos avaliações, julgamentos, opiniões, sentimentos; apresentamos fatos socialmente aceitos ou proibidos.

Nós assumimos uma posição valorativa com relação ao nosso papel na sociedade. Caso nossos conhecimentos e crenças não estejam em conformidade com os valores das outras figuras identitárias, que também fazem parte da prática social, as relações sociais serão afetadas, podendo causar uma transformação social positiva ou negativa.

O uso da língua, portanto, não significa apenas seguir as regras "corretas" da gramática. Vejamos os exemplos dados por Travaglia (2005). Um deles trata do uso da conjunção no período composto:

³⁵ Roberto Pompeu de Toledo, *Veja*, 19, fev., 1992.

- Eu não fiz os exercícios **porque** estava doente.
- Eu não fiz os exercícios, **mas** estava doente.

Na 1ª frase, apenas informei para o meu ouvinte o motivo pelo qual não fiz a tarefa. Na 2ª, devido ao julgamento que o meu ouvinte faz de mim, usei a oposição argumentativa.

Outro exemplo: Na época do ex-presidente Fernando Collor de Melo, os brasileiros, de forma geral, e os jornalistas, em particular, empregavam substantivos, verbo, locução prepositiva para fazer referência a ele.

- Fernando Collor, presidente, ex-presidente.
- O esportista de Brasília.
- O cúmplice de PC Farias, o traidor dos descamisados.
- Voltou para Alagoas.

Cada identificação demonstra: nome, cargo e/ou consideração; alusão, contexto sócio-histórico/ironia, não cumpridor de promessa.

Há necessidade, então, de reflexão sobre o uso da língua e das normas gramaticais.

-----EXERCÍCIOS-----

1. Faça uma lista de características (com uma palavra, expressões) para homem e mulher:

Homem	Mulher

2. Leia o texto *O falo e a fala* e faça uma reflexão sobre o uso da língua.

O falo e a fala

Após consultar o dicionário Houaiss, notei um desequilíbrio entre as locuções listadas para os verbetes "homem" e "mulher".

Homem de poucas palavras fala pouco. Homem de pulso sabe se impor. Homem de sociedade frequenta os ricos e o homem do povo, ou homem da rua, é humilde. Homem da lei é o juiz, o advogado. Homem de bem é honesto. Homem de letras é intelectual. Homem de negócios faz transações comerciais. Homem de palavra cumpre suas promessas. Nenhuma das 13 locuções tem conotação pejorativa.

Já com as 32 locuções admitidas para a palavra "mulher", a coisa muda de figura. Mulher à toa, mulher da comédia, mulher da rótula, mulher da rua, mulher da vida, mulher da zona, mulher de amor, mulher do mundo, mulher errada, mulher vadia, mulher de má nota, mulher perdida, mulher de programa e mesmo mulher de negócios e mulher de sociedade são alguns dos 19 termos listados para designar prostitutas.

Por outro lado, mulher de casa, mulher honesta, mulher de verdade, mulher séria e mulher do lar são formas que indicam as que fazem trabalho doméstico gratuito e que também são chamadas de esposas, mães de família e donas de casa.

Se nossa língua reflete nossos costumes, nós, mulheres, estamos mal na fita. A mensagem implícita é que mulher séria (de verdade) fica em casa, enquanto a que vai à rua e habita o mundo é puta. O sexismo se perpetua na linguagem: mulher pública é meretriz e homem público é o que ocupa cargos no Estado. Curiosamente, quando a primeira ameaça dar com a língua nos dentes, o último morre de medo.³⁶

8.6.1 Dicas de regras gramaticais

Na escrita, sabemos da necessidade de se respeitar a norma culta, a não ser que o tipo de texto não o exija. Por exemplo, um texto literário, no qual se reproduz a fala dos personagens, se estes estiverem no "papel" de pessoas comuns e o contexto permitir uma fala descontraída, então a norma padrão não precisa ser seguida à risca, com a finalidade de imprimir realidade ao texto.

Todavia, em geral, precisamos cuidar da nossa linguagem e, principalmente, do uso da norma padrão em textos do dia a dia. Por isso, passemos a algumas dicas sobre dúvidas que surgem ao ter-se que utilizar esse português mais formal.

a. O uso do *que*

O **que**, bastante utilizado como um elemento de coesão, pode simplesmente introduzir uma informação complementar, como pode retomar um termo anterior. Veja nos exemplos:

(a) Ela me disse que não fará mais isso.

(b) O cão, que é fiel ao homem, jamais o trai.

³⁶ Leonel, Vange. *Revista da Folha*, 4 set., 2005.

No exemplo (a), o **que** introduz a segunda oração "que não fará isso", complementando o verbo "disse" (Ela disse o quê?). Nesse caso, trata-se de uma conjunção integrante, pois esta é sua função, integrar o sentido da oração anterior.

Já no exemplo (b), o **que** se relaciona ao antecedente "cão", por isso é um pronome relativo. Ele poderia até ser substituído por "o qual". A informação principal encontra-se na oração "O cão jamais trai o homem". A segunda oração foi intercalada na oração principal, acrescentando-lhe uma informação.

Quando se usa o pronome relativo, ele pode introduzir uma informação complementar, mas de caráter genérico, e, nesse caso, a oração iniciada pelo pronome apresenta-se destacada entre vírgulas (ou travessões, ou parênteses). Esse tipo de pronome pode também restringir o termo a que se refere e, nesse caso, a oração introduzida por ele não fica destacada pela pontuação. Vejamos os exemplos:

(c) O homem, que é sensato, não comete esse tipo de erro.

(d) O homem que é sensato não comete esse tipo de erro.

No exemplo (c), entende-se que todos os homens (a humanidade) são sensatos, ao passo que no exemplo (d) entende-se que há um grupo de homens que são sensatos e outro dos que não o são. No primeiro exemplo há uma generalização, a informação apenas complementa a anterior; no segundo, o termo está sendo restrito.

b. Uso de porque, por que, por quê e porquê

• Por que

Pode ser utilizado em uma pergunta indireta (por que motivo) ou em substituição a "pelo(a) qual". Vejamos os exemplos:

(a) Não entendo por que você age assim.
(por que motivo)

(b) A rua por que passei, estava congestionada.
(pela qual)

• Porque

Este é geralmente usado em enunciados afirmativos. Veja o exemplo:

Fiz isso porque queria irritá-lo.

- **Por quê**

É usado em final de sentença interrogativa. Exemplo:

Você fez isso, por quê?

- **Porquê**

É um substantivo, sinônimo de motivo, razão, e deve ser acompanhado de artigo. Vejamos o exemplo:

Não entendo o porquê de tanta revolta.
(o motivo)

c. Uso da vírgula

O anúncio ao lado mostra muito bem a importância da vírgula na comunicação escrita. Veja transcrição abaixo.

A vírgula

A vírgula pode ser uma pausa. Ou não.

Não, espere.

Não espere.

A vírgula pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso, só ele resolve.

Ela pode forçar o que você não quer.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode acusar a pessoa errada.

Esse, juiz, é corrupto.

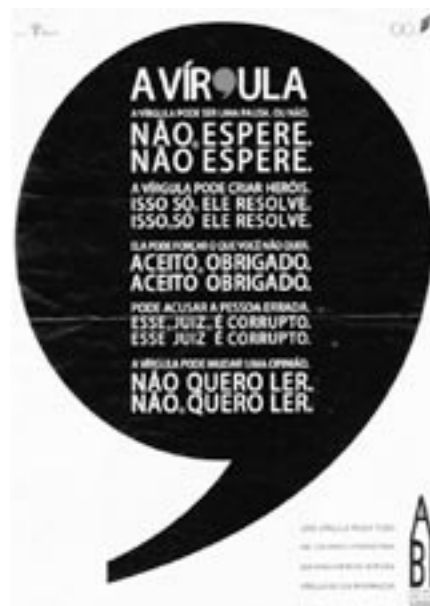
Esse juiz é corrupto.

A vírgula pode mudar uma opinião.

Não quero ler.

Não, quero ler.

Uma vírgula muda tudo.



A vírgula³⁷, segundo pensamento bastante comum entre as pessoas, é um sinal de pontuação utilizado para marcar, na escrita, uma pausa (da fala) menor entre várias informações existentes em um texto. Entretanto, para empregá-la com propriedade devem ser seguidas diversas regras. Vejamos.

1. Não se separa o sujeito do predicado, independentemente da extensão do sujeito. Vejamos os exemplos.

- (a) O pai auxilia o filho em suas dificuldades.
- (b) O pai dedicado auxilia o filho em suas dificuldades.
- (c) O pai dedicado e atencioso auxilia o filho em suas dificuldades.

Nos exemplos, temos os seguintes sujeitos: em (a) o pai; em (b) o pai dedicado; em (c) o pai dedicado e atencioso. Em todos os casos, não há vírgula.

2. A informação principal pode ser separada da informação complementar pela vírgula. Exemplo:

Sem notar a minha presença, ela entrou na sala à minha procura.
(informação complementar) (informação principal)

A menos que tenha outra sugestão, você pode seguir esse roteiro.
(informação complementar) (informação principal)

3) Termos acessórios, como o vocativo e o aposto, devem ser separados por vírgula:

- (a) Crianças, não gritem!
(vocativo)
- (b) Luís Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil, fez um pronunciamento na TV.
(aposto)

4. As expressões explicativas devem ser separadas por vírgulas.

Ele disse tudo, ou seja, a verdade.

³⁷ Segundo definição de Luft, Celso Pedro, em *A vírgula – considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*, "a vírgula é um sinal de pontuação que indica falta ou quebra de ligação sintática (regente + regido, determinado + determinante) no interior das frases. (...) A nossa pontuação – a pontuação em língua portuguesa – obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos. Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem, para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido. (...) Mais acertado é ensinar que nem a toda pausa corresponde uma vírgula, nem a toda vírgula corresponde uma pausa..."

5. Usa-se vírgula para isolar **sim** ou **não** que indicam respostas.

Sim, eu aceito o convite. Não, eu prefiro ficar.

6. A vírgula pode indicar elipse (omissão de um termo).

Um disse a verdade, o outro, a mentira.
(disse)

7. Quando o adjunto adverbial é antecipado, usa-se vírgula para destacá-lo.

Na semana passada, todos foram à exposição.

8. Em datas, a vírgula separa a expressão locativa.

São Paulo, 1º de janeiro de 2010.

9. Algumas conjunções, como as conclusivas e as adversativas, são separadas por vírgulas, conforme os exemplos:

(a) Procurei minhas chaves na sala toda, porém não as encontrei.

(b) O aluno constatou, pois, sua aprovação no vestibular.

(c) Não estudou o suficiente; portanto, não foi aprovado.

10. A vírgula separa orações intercaladas.

A verdade, eu sei, é impossível ficar escondida por muito tempo.

11. Usa-se vírgula para separar orações reduzidas (ou nas formas nominais: gerúndio, particípio ou infinitivo), como nos exemplos:

(a) Chegando ao local, avise-me.

(b) Concluída a tarefa, recebeu os honorários.

(c) Ao sair, bateu a porta do carro.

12. A vírgula é usada para separar orações subordinadas adverbiais.

(a) Quando chegou ao prédio, comunicou-me.
(oração sub. adv. temporal)

- (b) Embora quisesse muito, não foi à inauguração da loja.
(oração sub. adv. concessiva)

- EXERCÍCIOS -

Leia o anúncio sobre roupa infantil:

"Se eu pudesse escolher, eu só usava Lulica Baby.
Fui no shopping com a Dindinha. Ela me levou em tudo que é loja.
Todo mundo falava: – que gracinha... que bonitinha...
Só que não tinha nada gostoso, tudo me apertava, me enforcava...
Se eu pudesse escolher, só usava Lulica Baby.
Lulica Baby, a roupinha que o seu bebê vai gostar de vestir.
Para crianças de 0 a 4 anos."

1. Assinale a alternativa que responda corretamente à função da gramática normativa:

- a) Estabelecer regras como forma de padronizar a utilização da língua materna.
- b) Embasar a língua falada de acordo com o estabelecido pela norma padrão.
- c) Apresentar diversas formas e variedades regionais segundo as necessidades do falante.
- d) Oficializar a ortografia nacional.
- e) Analisar a língua como nos é apresentada atualmente.

2. O anúncio é oportuno para ilustrar dois modelos de análise da língua.

- a) Analise o anúncio sob a perspectiva da gramática normativa, verificando, no mínimo, duas ocorrências/regras gramaticais.

b) Analise o anúncio sob outra perspectiva. Que abordagem você faz do texto, que não seja gramatical?

Resolução dos exercícios:

1. A alternativa correta é a a).
2. No item a), a resposta fica a critério do aluno.

No item b), a resposta também fica a critério do aluno, entretanto, só para exemplificar, podemos dizer que ele pode abordar o texto segundo sua estrutura. O texto seria injuntivo, porém, em vez de usar os verbos no imperativo (compre roupa da marca Lilica), o publicitário recorre a argumentos e coloca um bebê como enunciador, que se torna voz de autoridade.

8.6.2 Reforma ortográfica

O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado pelos países lusófonos, tem por finalidade unificar o sistema ortográfico dos países de língua portuguesa. Até meados da década de 1970, tentativas de acordo restringiam-se ao Brasil e a Portugal, já que as nações africanas de língua portuguesa, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, eram colônias portuguesas, e o Timor-Leste (cuja independência política ocorreu mais recentemente e cujo povo tem como segunda língua oficial o tétum, que, aliás, é mais falado) vivia sob o domínio da Indonésia.

Com a independência política das ex-colônias africanas e do Timor-Leste, oito países passaram a ter o português como língua oficial. Juntos, somam uma população de mais de 230 milhões de pessoas, espalhadas por quatro continentes. Esses países formam a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

O texto do acordo prevê a elaboração de um vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa "tão completo quanto desejável e tão normalizador quanto possível".

Os brasileiros têm até 31 de dezembro de 2012 para se adequar às novas regras – período em que estão sendo aceitas a grafia anterior e a nova. A partir de 1º de janeiro de 2013, a grafia correta da língua portuguesa será, exclusivamente, a prevista no novo acordo.

Fazem parte das modificações no sistema ortográfico:

Letras **k**, **w** e **y**

As letras **k**, **w** e **y** passam a fazer parte de nosso alfabeto. Seu emprego, como era antes, fica restrito a alguns casos específicos:

- a) Grafia de nomes próprios estrangeiros e seus derivados:

Darwin, darwiniano, Kant, kantismo, Byron, byroniano, Kuwait, kuwaitiano etc.

- b) Siglas, símbolos e mesmo palavras adotadas como unidades de medida de âmbito internacional:

K (símbolo de potássio); **W** (símbolo de Oeste na rosa dos ventos); **km** (símbolo de quilômetro); **watt** (unidade de medida de energia mecânica ou elétrica); **K.O.** (abreviatura de *knockout*, nocaute em português); **www** (sigla de *world wide web*, a rede mundial de computadores)

c) Palavras estrangeiras de uso internacional:

Show, sexy, hacker, megabyte, download.

Trema

Pelo acordo, o trema fica abolido.

Como era	Como fica
agüentar	aguentar
sagüi	sagui
freqüente	frequente
tranqüilo	tranquilo

O acordo aboliu o sinal gráfico trema (¨), mas a pronúncia das palavras que recebiam esse sinal nos encontros gue, gui, que, qui continua a mesma. Assim, o *u* das palavras da lista acima deve continuar sendo pronunciado como antes: aguentar, sagui, frequente, tranquilo. O acordo ortográfico modifica a grafia, mas não a pronúncia das palavras.

Acentuação gráfica

- O hiato **oo** não mais recebe acento circunflexo.

Como era	Como fica
enjôo	enjoo
vôo	voo
abenção	abençoo
magôo	magoo

Verbos crer, dar, ler, ver (e derivados)

Não mais se emprega o acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **crer, dar, ler, ver** (e seus derivados).

Como era	Como fica
crêem	creem
dêem	deem
lêem	leem
vêem	veem
descrêem	descreem
relêem	releem

Acentuação dos ditongos de pronúncia aberta éu, éi, ói

Nas palavras paroxítonas, tais ditongos não mais recebem acento agudo (ver relação abaixo), entretanto, ele se mantém quando em sílaba final (chapéu, lençóis) e nos monossílabos tônicos (céu, dói).

Como era	Como fica
assembléia	assembleia
idéia	ideia
heróico	heroico
jibóia	jiboia

Acentuação das letras i e u nos hiatos

Não se acentuam as letras **i** e **u** tônicas que formam hiato com a vogal anterior, quando precedidas de ditongo.

Como era	Como fica
baíuca	baiuca
boiúna	boiuna
feiúra	feiura

Acento diferencial

Mantem-se o acento diferencial em:

- a) **Pôde** (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo **poder**) para distinguir de **pode** (terceira pessoa do singular do presente do indicativo do mesmo verbo).
- b) **Pôr** (forma verbal) para distingui-la de **por** (preposição).
- c) É facultativo em: **fôrma** (substantivo significando molde, recipiente) para distinguir de **forma** (substantivo significando formato, feitio, ou verbo, por ex.: esta escola forma bons profissionais); **dêmos** (primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo), para distinguir de **demos** (primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo); e nas formas da primeira pessoal do plural do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação. Por exemplo: amámos, cantámos, estudámos, para se diferenciar da primeira pessoa do plural do presente do indicativo: amamos, cantamos, estudamos.

Emprego do hífen

O hífen (-) continua a ser usado nas palavras compostas, na ligação dos pronomes oblíquos enclíticos (colocados depois) e mesoclíticos (colocados no meio) ao verbo e na ligação dos sufixos de origem tupi:

couve-flor, segunda-feira, entregá-lo, entregá-lo-íamos, sabiá- guaçú

No entanto, as palavras em que se perdeu a noção de composição deverão ser escritas sem o hífen.

Como era	Como Fica
manda-chuva	mandachuva
pára-quedas	paraquedas

Além disso, o acordo estabelece que **se emprega hífen**:

1. Nos nomes de lugares iniciados por **grã** e **grão**, por verbo e naqueles cujos elementos estejam ligados por artigo:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Baía de Todos-os-Santos, Passa-Quatro, Trás-os-Montes

Os demais nomes de lugar, com exceção de Guiné-Bissau, devem ser escritos sem hífen: Costa Rica, Nova Zelândia, Porto Alegre etc.

2. Nos compostos iniciados pelos prefixos **ante-**, **anti-**, **auto-**, **circum-**, **contra-**, **entre-**, **extra-**, **hiper-**, **infra-**, **intra-**, **pan-**, **semi-**, **sobre-**, **sub-**, **super-**, **supra-**, **ultra-** etc.:

a) Quando o segundo elemento começa por **h**:

anti-**h**igiênico, circum-**h**ospitalar, pan-**h**elenismo, pré-**h**istória, semi-**h**ospitalar

b) Quando o prefixo termina com a mesma vogal com que começa o segundo elemento:

anti-**i**bérico, auto-**o**bservação, contra-**a**lmirante

c) Com os prefixos **circum-** e **pan-**, quando o segundo elemento começa por **vogal**, **m** e **n** (além do **h** referido anteriormente):

circum-**m**esclerose, circum-**n**avegação, pan-**a**fricano

d) Com os prefixos **hiper-**, **inter-**, **super-**, quando o segundo elemento começa por **r**:

hiper-**r**equintado, inter-**r**acial, super-**r**alista

e) Com os prefixos tônicos acentuados graficamente **pós-**, **pré-**, **pró-**, quando o segundo elemento tem vida à parte:

pós-operatório, pré-escolar, pró-britânico.

Não se usa hífen:

Quanto ao uso do hífen com prefixos, a modificação que o acordo traz é a seguinte: não se usa mais o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r**, **s** ou **vogal diferente**.

a) Quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**, inclusive dobram-se essas consoantes:

antir**r**reumático, antiss**s**atélite, contrar**r**regra, coss**s**eno

b) Quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente dela:

antia**a**éreo, auto**o**estrada, co**o**educação

Como era	Como fica
anti-religioso	antirreligioso
anti-semita	antissemita
contra-regra	contrarregra
contra-senha	contrassenha
extra-regular	extrarregular
extra-escolar	extraescolar
auto-aprendizagem	autoaprendizagem
auto-atendimento	autoatendimento

Uso de letras iniciais minúsculas e maiúsculas

1. Escrevem-se **com inicial minúscula**:

a) Nomes de dias, meses e estações do ano:

segunda-feira, sábado, domingo; janeiro, fevereiro, março; primavera, verão

b) Designações de pessoas desconhecidas ou que não se quer nomear:

fulano, beltrano, sicrano

c) Nomes dos pontos cardeais (mas não nas abreviaturas):

norte, sul, leste, oeste

2. Escrevem-se **com inicial maiúscula**:

a) Nomes próprios reais ou fictícios:

Humberto, Luciana, Marcos, Rapunzel, Bahia, Niterói, Atlântida, D. Quixote

b) Nomes de festas e festividades:

Natal, Páscoa, Carnaval

c) Nomes de instituições:

Senado Federal, Supremo Tribunal Federal

3. É indiferente o uso de inicial **maiúscula** ou **minúscula**:

a) Em caracterizadores de logradouros públicos, templos ou edifícios:

Rua Direita (ou rua Direita), Avenida Brasil (ou avenida Brasil), Catedral de Brasília ou (catedral de Brasília), Edifício Itália ou (edifício Itália).

b) Em formas de tratamento, expressões de reverência, designação de nomes sagrados:

Senhor Doutor Pedro da Silva (ou senhor doutor Pedro da Silva), Dona Lúcia (ou dona Lúcia), Santa Genoveva (ou santa Genoveva).

c) Em nomes que indicam disciplinas ou ramos do saber:

Matemática (ou matemática), Astronomia (ou astronomia).

Separação silábica

O acordo mantém o princípio já utilizado de que a separação silábica deve ser feita, de modo geral, com base na soletração e não com base nos elementos que compõem a palavra, segundo sua origem. Em decorrência disso, nada se altera quanto à divisão silábica das palavras.

Para você se divertir e aprender ao mesmo tempo: leia o texto a seguir, de Elida Kronig, sobre reforma ortográfica:

Como será daqui pra frente?

Estive vendo as novas regras da ortografia. Na verdade, já tinha esbarrado com elas trilhares de vezes, mas apenas hoje que as danadas receberam uma educada atenção de minha parte.

Devo confessar que não foi uma ação espontânea. Que eu me lembre, desde o ano retrasado uma amiga me enche o saco para escrever a respeito. Escrevo com a esperança de que diminua o volume de *e-mails* e torpedos que ela me envia. Em suma, que as novas regras ortográficas a mantenham sossegada por um bom tempo.

Cai o trema! Aliás, não cai... Dá uma tombadinha.

Linguixa e pinguim ficam feios sem ele, mas quantas pessoas conhecemos que utilizavam o trema a que eles tinham direito?

Essa espécie de "enfeiação" já vinha sendo adotada por 98% da população brasileira. Resumindo, continua tudo como está.

Alfabeto com 26 letras? O Ke o W são moleza para qualquer internauta, que convive diariamente com Kb e Web-qualquercoisa. A terceira nova letra de nosso alfabeto tornou-se comum com

os *animes* japoneses, que têm a maioria de seus personagens e termos começando com y. Essa regra tiraremos de letra.

O hífen é outro que tomba mas não cai.

Aquele tracinho no meio das vogais, provocando um divórcio entre elas, vai embora. As vogais agora convivem harmoniosamente na mesma palavra.

Auto-escola cansou da briga e passou a ser autoescola, auto-ajuda adotou autoajuda.

Agora, pasmem! O que era impossível tornou-se realidade.

Contra-indicação, semi-árido e infra-estrutura viraram amantes, mais inseparáveis que nunca. Só assinam contraíndicação, semiárido e infraestrutura.

Quem será o estraga-prazer a querer afastá-los?

Epa! E estraga-prazer, como fica? Deixa eu fazer umas pesquisas básicas pela internet. Huuummm... Achei!

Essas duas palavrinhas vivem ocupadíssimas, cada uma com suas próprias obrigações. Explicam que a sociedade entre elas não passa de uma simples parceria. Nem quiseram se prolongar no assunto. Para deixar isso bem claro, vão manter o traço.

Na contramão, chega um paraquedista trazendo um para-lama, um para-choque e um para-brisa – todos com tracinho.

Com alguns pontapés coloquei todos no porta-malas pra vender no ferro-velho. O paraquedista com cara de pão de mel ficou nervoso. Só acalmou quando o banhei com água-de-colônia numa banheira de hidromassagem.

Então os nomes compostos não usam mais hífen? Não é bem assim. Os passarinhos continuam com seus nomes: bem-te-vi, beija-flor. As flores também permanecem como estão: bem-me-quer, amor-perfeito. Por se achar a tal, a couve-flor recusou-se a retirar o tracinho e a delicada erva-doce nem está sabendo do que acontece no mundo da Língua Portuguesa e vai continuar adotando o tracinho.

As cores apelaram com um papo estranho sobre estarem sofrendo discriminações sexuais e conseguiram na Justiça o direito de gozarem com o tracinho. Ficou tudo rosa-choque, vermelho-acobreado, lilás-médio... Porém, fique atento: cor de vinho, cor de burro quando foge.

As donas de casa quando souberam da vitória da comunidade GLS, criaram redes de novenas funcionando por 24h, para que a feira não se unisse sem cerimônia aos dias da semana. Foram

atendidas pelo próprio arcanjo Gabriel que fez uma aparição numa das reuniões, dando ordens ao estilo Tropa de Elite:

- Deixe o traço!

Deu certo. As irmãs segunda-feira, terça-feira e as demais, para não caírem em pecado mantiveram o hífen.

Os médicos e militares fizeram um *lobby*, gastaram uma nota preta pra manter o tracinho. Alegaram que sairia mais caro mudar os receituários e refazer as fardas: médico-cirurgião, tenente-coronel, capitão-do-mar.

Uma pequena pausa para a cultura, ocasionada pelo trauma de ler muitas pérolas do Enem e Vestibular. Só por precaução...

Almirante Barroso não tem tracinho. Assim era chamado Francisco Manuel Barroso da Silva. Sim, o cara era militar da Marinha Imperial. Foi ele quem conduziu a Armada Brasileira à vitória na Batalha do Riachuelo, durante a Guerra da Tríplice Aliança.

No centro do Rio de Janeiro há uma avenida com seu nome (Av. Almirante Barroso). Na praia do Flamengo, há um monumento, obra do escultor Correia Lima, em cuja base se encontram os seus restos mortais. Fim da pausa!

Acho que algumas regras pra este tracinho, até que simpático, foram criadas por algum carioca apaixonado. Será que Thiago Velloso e André Delacerda tiveram alguma participação no acordo?

O R no início das palavras vira RR na boca do carioca. Não pronunciamos R (como em papiro, aresta e arara), pronunciamos RR (como em ferro, arraso e arremate). Falamos rroldana e não roldana, rrodopio e não rodopio, rrebola e não rebola.

Pois bem, numa das tombadas do hífen, o R dobra e deixa algumas palavras com jeito carioca de ser: autorretrato, antirreligioso, suprarrenal. Será fácil lembrar desta regra. Se a palavra antes do tracinho (nem vou falar em prefixo) terminar com vogal e a palavra seguinte começar com R, é só lembrar dos simpáticos e adoráveis cariocas.

Mais uma coisinha: a regra também vale para o S. Fico até sem graça de comentar isso, pois todos sabemos que o S é um invejoso que gosta de imitar o R em tudo. Ante-sala vira antessala, extra-seco vira extrasseco e por aí vai...

Quem segurou mesmo o hífen, sem deixá-lo cair, foram os prefixos terminados em R, que acompanham outra palavra iniciada com R, como em inter-regional e hiper-realista. Estes tracinhos continuarão a infernizar os cariocas.

O pré-natal esteve tão feliz, rindo o tempo todo com o pós-parto de uma camela pré-histórica, que ninguém teve coragem de tocar no tracinho deles.

Já o pró-, um chato por natureza, foi completamente ignorado. Só assim manteve o tracinho: pró-labore, pró-desmatamento.

A vogal e o h não chegaram a nenhum acordo, mesmo com anos de terapia. Permanecem de cara virada um pro outro: anti-higiênico, anti-herói, anti-horário. Estou começando a achar que as vogais são semi-hostis com as consoantes...

Ao contrário das demais, as vogais gêmeas decidiram complicar e andar na contramão da simplificação. Daqui pra frente passarão a adotar hífen: aqui-inimigas, anti-inflacionária, micro-ondas, anti-ibérico, anti-inflamatório, micro-organismo. Quando não forem gêmeas, poderão sentar-se à mesma mesa: extraescolar, autoaprendizado, antiaéreo...

Uma inovação interessante:

– Podem esquecer o mixto, ele foi sumariamente despedido. Puseram o misto no lugar dele.

Fiquei bolada com essa exceção: o prefixo co não usa mais hífen. Seguiu os exemplos de cooperação e coordenado, que sempre estiveram juntas. Não estou me lembrando no momento, de nenhuma palavra que use co com tracinho. Será que sempre escrevi errado?

Quem diria que o créu suplantaria a ideia!? Teremos que nos acostumar com as ideias heroicas sem o acento agudo. Rasparam também o acento da pobre coitada da jiboia.

O acento do créu continua porque tem o U logo depois. Pelo menos a assembleia perdeu alguma coisa...

Vejo ao longe aproximar-se um bem-vindo amigo. Ele não é um bem-nascido, mas foi bem-criado e tem bom humor. Não vejo a hora de dar-lhe um abraço sem-cerimônia, mesmo que os passantes me considerem uma sem-vergonha.

Referências bibliográficas

ASSUMPÇÃO, M. H. O.; BOCCHINI, M. O. *Para escrever bem*. São Paulo: Manole, 2002.

BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua portuguesa: teoria e método*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2000.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENCKE, D. B.; GABRIEL, R. Metacognição, transferência linguística e compreensão leitora: uma perspectiva teórico-empírica. *Revista Signo* do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 34, n. 57, jul.-dez., 2009.

- BERNÁRDEZ, E. *Introducción a la lingüística textual*. Madrid: Espasa Calpe, 1982.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.
- CHIAPPINI, L.; BRANDÃO, H. N. (coord.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.
- COSTA VAL, M. *Redação e textualidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. *Prática de textos para estudantes universitários*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- FIORIN, José Luiz. Gêneros e tipos textuais. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia. *Ensaaios sobre leitura*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- FREIRE, Paulo. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares – uma introdução. Disponível em: <http://www.uff.br/ppgci/editais/alfabetiza.doc>
- HENRIQUES, Claudio Cezar. A volta dos hieróglifos. Disponível na internet em: <http://www.filologia.org.br/revista/23.html>
- HERMANN, Nadjá. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1987.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1993.
- _____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 10. ed. São Paulo: Pontes, 2007.
- KNELLER, George. *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: Ibrasa, 1973.
- KOCH, I. G. Villaça. *A coesão textual*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, I. G. Villaça; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARI, Hugo; MENDES, P. H. Aguiar. Processos de leitura: fator textual. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia. Ensaio sobre leitura. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

MARQUESI, Sueli Cristina. *A organização do texto descritivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MARTINS, Wilson. A palavra escrita – história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 2002.

SMITH, Frank. Leitura significativa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SOUZA, Renata Junqueira de (org.). *Ler e compreender: estratégias de leitura*. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Lined writing area for notes.

